



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KÉSSIO JHONE LOPES DA SILVA

O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes dos PALOP

ACARAPE

2022

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KÉSSIO JHONE LOPES DA SILVA

O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes dos PALOP

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), como requisitos para qualificação de Mestrado. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca.

ACARAPE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Késsio Jhone Lopes da.

S586u

O uso do A gente e do Nós pelos falantes dos PALOP / Késsio
Jhone Lopes da Silva. - Redenção, 2022.
107f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem,
Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção,
2022.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cláudia Ramos Carioca.

1. Variação. 2. Sociolinguística. 3. Alternância Pronominal.
4. Palop. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 414

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes dos PALOP

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), como requisitos para qualificação de Mestrado. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 09/09/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Cláudia Ramos Carioca (UNILAB) - Orientadora

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio (UFSCAR) - 1º examinador

Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior (UNILAB) - 2º examinador

**A mim mesmo, por nunca ter desistido,
mesmo quando desistir era a opção mais fácil.**

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dá força e esperança em todos os momentos.

A mim mesmo, porque mesmo em meio ao momento caótico vivido no período final da graduação, não me deixei desistir, mas soube usar como apoio ao meu anseio de continuar meus estudos e de seguir avançando na vida. Por ser otimista e acreditar que daria conta de tudo mesmo sem saber por onde começar.

Aos meus familiares que, de alguma forma, me deram apoio a prosseguir. Em especial, à minha Tia Eliane que acreditou em mim desde antes da graduação.

Aos meus amigos que me deram força e sempre entenderam as minhas ausências, em especial a Samia e Henrique.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Cláudia Ramos Carioca, que mesmo não sendo sua área de pesquisa, me abraçou e me guiou até esse momento, sempre com alegria, compreensão e fé de que eu conseguiria concluir com êxito.

À Professora Dra. Gislene Lima Carvalho, a qual me apoiou desde o final da graduação, ajudou a me preparar para a seleção de mestrado e sempre estava disponível quando eu precisasse, nunca esquecerei de seu carinho.

Aos meus amigos e colegas da turma II de Mestrado em Estudos da Linguagem/UNILAB, em especial à Carolina e Eugenio que acompanharam de perto minha luta e o meu desenvolvimento.

Aos meus amigos e colegas que a Unilab me deu, que de perto ou longe acompanharam meu processo de evolução, em especial aos grupos “Na Aleatoriedade” e “CAHK”.

Por fim, e não menos importante, aos Professores da minha banca, que foram essenciais no desenvolvimento do meu trabalho desde a qualificação do projeto até a dissertação final.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar e descrever a frequência de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural *Nós* e *A gente* nas variedades de Língua Portuguesa Africana, o que torna este estudo pioneiro em relação à temática. Nosso trabalho tem como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (2010). Nesse viés, o corpus, que ainda está em processo de construção, utilizado para a análise é o disponibilizado pelo grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), do qual retiramos 99 arquivos de entrevistas referentes aos seguintes países integrantes dos PALOP: Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, São-Tomé e Príncipe. Por compreender que cada variedade Africana da Língua Portuguesa possui especificidades, naturalmente, apresenta-se de modo sucinto o contexto sociolinguístico de cada um dos cinco países utilizados nesta pesquisa. Para a análise, em conformidade com outros estudos sobre o fenômeno, utilizam-se os seguintes grupos de fatores: país de origem; sexo; tempo de permanência no Brasil; preenchimento do sujeito; saliência fônica verbal; paralelismo linguístico de nível discursivo; grau de determinação do referente sujeito e; tempo e modo verbal. Nessa perspectiva, por conta da quantidade de dados, optou-se por não utilizar programas estatísticos (bastante utilizado em pesquisas sociolinguísticas), assim, decidiu-se realizar as análises baseadas na frequência de uso em percentuais das duas variantes. Desse modo, entre os resultados iniciais destaca-se que de fato existe a variação entre os dois pronomes nos países dos PALOP pesquisados, pois a frequência de uso do *nós* é de 42,28%, e do *A gente* é de 57,72%. Nota-se que um contato mais duradouro com os falantes nativos do Brasil influencia em um maior uso da variante inovadora. Também destaca-se que Cabo Verde realiza um maior uso de *A gente* com 71% da frequência de uso, e, em sentido contrário, Angola utiliza mais a variante conservadora, o *nós*, com 67% da frequência de uso.

Palavras-chave: Variação; Sociolinguística; Alternância Pronominal; Palop.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze and describe the frequency of use of the first-person plural pronouns *Nós* and *A gente* in the African Portuguese language varieties, which makes this study a pioneer in relation to the subject. Our work has as theoretical contribution the Variationist Sociolinguistics, according to Labov (2010). In this bias, the corpus, which is still in the construction process, used for the analysis is the one made available by the Variation and Processing of Speech and Discourse group: analyzes and applications (PROFALA), from which 99 files of interviews referring to the following countries were extracted. PALOP members: Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique and São Tomé and Príncipe. As we understand that each African variety of the Portuguese language has specificities, naturally, we briefly present the sociolinguistic context of each of the five countries used in this research. For the analysis, in accordance with other studies on the phenomenon, we used the following groups of factors: Country of Origin; Sex; Duration of Stay in Brazil; Filling in the Subject; Verbal Phonic Saliency; Discursive Level Linguistic Parallelism; Degree of Determination of the Subject Referrer and; Tense and Verb Mood. In this perspective, due to the amount of data, we chose not to use statistical programs (commonly used in sociolinguistic research), so we decided to carry out the analyzes based on the frequency of use in percentages of the two variants. Thus, among the initial results, we highlight that in fact there is a variation between the two pronouns in the researched PALOP countries, as the frequency of use of *Nós* is 42.28%, and *A Gente* is 57.72%. It is noted that a more lasting contact with native speakers of Brazil influences a greater use of the innovative variant. We also point out that the country Cape Verde uses *A Gente* more with 71% of the frequency of use, and, in the opposite direction, the country Angola uses more the conservative variant, *Nós*, with 67% of the frequency of use.

Keywords: Variation; Sociolinguistics; Pronominal Alternation; palop.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Variável País de origem	64
Tabela 2 -	Variável Sexo	65
Tabela 3 -	Variável Sexo em Angola	67
Tabela 4 -	Variável Sexo em Cabo Verde	67
Tabela 5 -	Variável Sexo em Guiné-Bissau	68
Tabela 6 -	Variável Sexo em Moçambique	68
Tabela 7 -	Variável Sexo em São Tomé e Príncipe	69
Tabela 8 -	Variável Tempo de Permanência	69
Tabela 9 -	Variável Tempo de Permanência em Angola	70
Tabela 10 -	Variável Tempo de Permanência em Cabo Verde	71
Tabela 11 -	Variável Tempo de Permanência em Guiné-Bissau	72
Tabela 12 -	Variável Tempo de Permanência em Moçambique	72
Tabela 13 -	Variável Tempo de Permanência em São Tomé e Príncipe	73
Tabela 14 -	Variável Preenchimento do Sujeito	74
Tabela 15 -	Variável Preenchimento do Sujeito em Angola	75
Tabela 16 -	Variável Preenchimento do Sujeito em Cabo Verde	75
Tabela 17 -	Variável Preenchimento do Sujeito em Guiné-Bissau	76
Tabela 18 -	Variável Preenchimento do Sujeito em Moçambique	76
Tabela 19 -	Variável Preenchimento do Sujeito em São Tomé e Príncipe	77
Tabela 20 -	Variável Saliência Fônica	78
Tabela 21 -	Variável Saliência Fônica em Angola	79
Tabela 22 -	Variável Saliência Fônica em Cabo Verde	80
Tabela 23 -	Variável Saliência Fônica em Guiné-Bissau	81
Tabela 24 -	Variável Saliência Fônica em Moçambique	81
Tabela 25 -	Variável Saliência Fônica em São-Tomé e Príncipe	82
Tabela 26 -	Variável Paralelismo Linguístico	83
Tabela 27 -	Variável Paralelismo Linguístico em Angola	85
Tabela 28 -	Variável Paralelismo Linguístico em Cabo Verde	86
Tabela 29 -	Variável Paralelismo Linguístico em Guiné-Bissau	86
Tabela 30 -	Variável Paralelismo Linguístico em Moçambique	87
Tabela 31 -	Variável Paralelismo Linguístico em São-Tomé e Príncipe	88
Tabela 32 -	Variável Grau de Referência	89

Tabela 33 -	Variável Grau de Referência em Angola	91
Tabela 34 -	Variável Grau de Referência em Cabo Verde	91
Tabela 35 -	Variável Grau de Referência em Guiné-Bissau	92
Tabela 36 -	Variável Grau de Referência em Moçambique	93
Tabela 37 -	Variável Grau de Referência em São Tomé e Príncipe	93
Tabela 38 -	Variável Sexo X Variável País	95
Tabela 39 -	Variável Tempo de Permanência X Variável País	96
Tabela 40 -	Variável Preenchimento de Sujeito X Variável País	97
Tabela 41 -	Variável Saliência Fônica X Variável País	97
Tabela 42 -	Variável Paralelismo Linguístico X Variável País	98
Tabela 43 -	Variável Grau de Referência X Variável País	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Descrição de células	18
Quadro 2 -	Línguas Nacionais Africanas em Moçambique	30
Quadro 3 -	Resultados de Lopes (1998)	33
Quadro 4 -	Resultados de Mattos (2013)	36
Quadro 5 -	Resultados de Mendonça (2012)	38
Quadro 6 -	Resultados de Franceschini (2011)	43
Quadro 7 -	Os resultados de Vianna (2016)	47
Quadro 8 -	Informações do corpus	55
Quadro 9 -	Variável Saliência Fônica Verbal proposta por Rubio (2012)	59
Quadro 10 -	Variável Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo proposto por Rubio (2012)	60
Quadro 11 -	Variável Grau de Determinação do Referente Sujeito proposto por Rubio (2012)	63
Quadro 12 -	Exemplos apresentados por Rubio (2012)	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A SOCIOLINGUÍSTICA	13
2.1	Sociolinguística	13
2.1.1	Teoria da Variação e Mudança	15
2.2	Gramaticalização de “A Gente”.....	21
3	O CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DOS PALOP	24
3.1	A Lusofonia	24
3.2	A Língua Portuguesa no Brasil e nos PALOP	26
3.2.1	Brasil	26
3.2.2	Angola	27
3.2.3	Cabo Verde	27
3.2.4	Guiné Bissau	28
3.2.5	Moçambique	29
3.2.6	São-Tomé e Príncipe	31
4	ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU.....	33
4.1	Estudo de Lopes (1998)	33
4.2	Estudo de Mattos (2013)	35
4.3	Estudo de Mendonça (2012)	37
4.4	Estudo de Franceschini (2011).....	41
4.5	Estudo de Vianna (2016)	46
5	ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1	Procedimentos Metodológicos	53
5.1.1	O Projeto PROFALA	53
5.1.2	Procedimento de coleta e análise dos dados	54
5.2	Grupo de fatores	55
5.3	Análise dos dados	64
5.3.1	País de origem	67
5.3.2	Sexo	69
5.3.2.1	Sexo estratificado por País	66
5.3.2.1.1	Angola	66
5.3.2.1.2	Cabo Verde	67
5.3.2.1.3	Guiné-Bissau	68
5.3.2.1.4	Moçambique	68
5.3.2.1.5	São Tomé e Príncipe	69
5.3.3	Tempo de permanência	69
5.3.3.1	Tempo de permanência estratificado por País	70

5.3.3.1.1	Angola	70
5.3.3.1.2	Cabo Verde	71
5.3.3.1.3	Guiné-Bissau	72
5.3.3.1.4	Moçambique	72
5.3.3.1.5	São Tomé e Príncipe	73
5.3.4	Preenchimento do Sujeito	74
5.3.4.1	Preenchimento do Sujeito estratificado por País	75
5.3.4.1.1	Angola	75
5.3.4.1.2	Cabo Verde	75
5.3.4.1.3	Guiné-Bissau	76
5.3.4.1.4	Moçambique	76
5.3.4.1.5	São Tomé e Príncipe	77
5.3.5	Saliência Fônica Verbal	77
5.3.5.1	Saliência Fônica Verbal estratificado por País	79
5.3.5.1.1	Angola	79
5.3.5.1.2	Cabo Verde	80
5.3.5.1.3	Guiné-Bissau	81
5.3.5.1.4	Moçambique	81
5.3.5.1.5	São Tomé e Príncipe	82
5.3.6	Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo	83
5.3.6.1	Paralelismo Linguístico Discursivo estratificado por País	85
5.3.6.1.1	Angola	85
5.3.6.1.2	Cabo Verde	86
5.3.6.1.3	Guiné-Bissau	86
5.3.6.1.4	Moçambique	87
5.3.6.1.5	São Tomé e Príncipe	88
5.3.7	Grau de Referência	89
5.3.7.1	Grau de Referência estratificado por País	91
5.3.7.1.1	Angola	91
5.3.7.1.2	Cabo Verde	91
5.3.7.1.3	Guiné-Bissau	92
5.3.7.1.4	Moçambique	93
5.3.7.1.5	São Tomé e Príncipe	93
6	CONCLUSÕES	95
	REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal analisar e descrever os fatores condicionadores e a frequência de uso da variação *nós* e *a gente* pelos falantes oriundos dos países africanos que fazem parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) à luz do suporte teórico da Sociolinguística Variacionista. Já que se trata de um fenômeno de variação em andamento, este estudo objetiva complementar os demais estudos acerca da temática, contribuindo para a descrição da Língua Portuguesa.

O interesse pelo tema surgiu a partir de dois momentos distintos. O primeiro foi quando, na busca de um tema para se trabalhar no mestrado, nos deparamos com algumas pesquisas diversas na área da sociolinguística e, entre estas pesquisas, estava uma que tratava sobre a alternância pronominal (AP) da primeira pessoa do plural (1PP), o *nós* e *a gente*. Então, na busca de trabalhos semelhantes sobre a temática, percebemos que não havia aqueles que utilizassem a variedade africana do português, o que leva ao nosso segundo motivo, sendo este aquele que impulsionou nosso interesse pelo tema a partir da convivência diária com colegas advindos de África pois, sabemos que, embora nossos países tenham sido colonizados por um mesmo povo, os portugueses, com o passar do tempo e em decorrência de inúmeros fatores, nos tornamos falantes de variedades distintas da Língua Portuguesa. Assim, a partir da convivência do dia a dia, ao longo dos anos foi possível perceber que ocorria uma certa assimilação com as variedades do português utilizadas pelos brasileiros por parte dos falantes que integram os PALOP. Desse modo, a partir de vários estudos realizados em diferentes regiões do Brasil, bem como a ausência de trabalhos com a mesma temática em África, é possível que a utilização do “a gente” como pronome seja uma característica própria, ou predominantemente, dos falantes brasileiros. Com o objetivo de analisar se essa conjectura é factual, percebemos a necessidade de se realizar este trabalho com falantes dos PALOP.

Nossa pesquisa tem como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista, que nos traz o conceito de variação que, conforme Coelho (2015, p. 16), “é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes”, pois é comum perceber que dois falantes de uma mesma língua não falam do mesmo modo, bem como um mesmo falante utiliza a fala de modo distinto a depender dos contextos em que está inserido, assim, a variação pode ocorrer dentro e fora da língua, ou seja, de forma interna e/ou externa, respectivamente. Dentro da língua ela pode ocorrer nos diferentes níveis do sistema linguístico: *lexicalmente*, *fonologicamente*, *morfofonologicamente*, *morfológicamente*, *morfofossintaticamente*, *sintaticamente* e/ou *discursivamente*. Já de forma

externa à língua temos: *variação regional (ou geográfica), social, estilística*, e ela pode ocorrer na *fala* e/ou *escrita*. Nesse viés, conforme Camacho (2001, p. 50), “o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Além disso, dentro da variação estão contidos conceitos como *variante(s)* e *variável(is)*. O primeiro conceito – variante – se refere aos diferentes modos de se dizer a mesma coisa como, por exemplo, o uso do *nós* e *a gente*, pronomes utilizados para se referir à primeira pessoa do plural. Assim, estes estariam em competição na língua em que o favorecimento de uma ou outra ocorre por fatores linguísticos ou extralinguísticos. O segundo conceito diz respeito ao lugar na gramática em que localizamos a variação, utilizando o exemplo acima, a variável no caso é a expressão pronominal de primeira pessoa do plural.

Tendo em vista que a língua é um sistema dinâmico e, que conforme a criatividade e necessidades de seus falantes, é alterada, essas alterações podem acontecer através de vários modos, e uma delas é o processo chamado no Funcionalismo de “Gramaticalização” que, inicialmente, foi considerada como um processo em que, se temos um item lexical ele passa a ser gramatical, mas se já tivermos um item gramatical, ele torna-se ainda mais gramatical. Nesse viés, temos o processo de pronominalização do substantivo que passa a ser utilizado como pronome de primeira pessoa do plural no português, especificamente no português brasileiro, ou seja, o *a gente*. Este não é um processo recente, assim, atualmente temos várias pesquisas com essa temática que foram realizadas e publicadas. Nesse sentido, apesar de conservar algumas características da forma fonte, o que é comum no processo de gramaticalização, o uso do *a gente* como um pronome já se encontra em sua fase plena atualmente.

Com isso, conforme explicitado acima, o fenômeno foi, e ainda é bastante discutido nas variedades do português do Brasil, contudo, o mesmo não ocorreu nas variedades africanas. Nesse sentido, nossa hipótese principal é que é possível que o processo de assimilação do pronome “*A gente*” pelos falantes dos PALOP ocorra pelo contato linguístico com falantes nativos do português brasileiro, ou seja, é possível que o uso do pronome “*A gente*” seja mais frequente entre os falantes que estão há mais de seis meses no Brasil, assim, o tempo de permanência é um dos grupos de fatores controlados em nossa pesquisa.

Em relação ao corpus utilizado na pesquisa, planejávamos inicialmente construir nosso próprio corpus, que seria constituído por alunos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a qual possui alunos de todas as nacionalidades integrantes dos PALOP. Porém, o contexto pandêmico causado pelo SARS-CoV-2, em que estamos inseridos até atualmente, não nos permitiu realizar a construção desse corpus. Então

decidimos utilizar aquele que está em construção pelo grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), que é constituído com dados de fala do Português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste. Nesse sentido, extraímos do corpus 99 arquivos de entrevistas referente aos informantes que serão utilizados nesta pesquisa. Para a nossa análise, utilizamos a seção intitulada “Questionário Metalinguístico”, pois as transcrições disponibilizadas pelo PROFALA incluem outras seções. A escolha por essa seção se justifica porque trata-se de uma parte da entrevista em que o informante responde a questões abertas de forma mais subjetiva, então, nesse contexto, ele se expressa mais informalmente e usa a língua de forma mais descontraída.

A problemática principal deste estudo vai de acordo com a hipótese principal apresentada mais acima, nesse viés, buscamos descobrir como acontece o processo de assimilação do pronome “A gente” pelos falantes dos PALOP em contato com o português brasileiro? Pois, mesmo com o processo de variação, em que podemos falar de variedade do português africano, o ensino e divulgação da Língua Portuguesa nos PALOP é realizada utilizando uma variedade mais próxima do Português Europeu, assim, é possível que um maior uso da variante inovadora seja motivado a partir do contato dos falantes oriundos dos PALOP em um contato de maior duração com os falantes nativos do Brasil, apesar de que existem pesquisas já realizadas do Português Europeu, como é o caso de Carilho e Pereira (2011), em que demonstram a ocorrência do “A gente” em distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu com localização bem específica, tendo em vista que a concordância de terceira pessoa do plural aparece confinada ao espaço do arquipélago dos Açores.

Para concluirmos essa parte, abordaremos sobre a estrutura deste trabalho. Nesse sentido, iniciamos com o segundo capítulo, em que trazemos a apresentação do nosso texto teórico sobre a Sociolinguística Variacionista. Neste capítulo é abordado o surgimento de uma das áreas da linguística conhecida como Sociolinguística que busca relacionar as mudanças linguísticas ao social e desfazer mitos acerca da variação linguística, até os conceitos base da subárea, a Sociolinguística Variacionista, conforme mencionada acima, que servirá como base para nossa pesquisa. Além disso, trazemos de modo sucinto acerca do processo de gramaticalização, pois achamos importante apresentar esse processo já que estamos discutindo acerca de uma variante que é resultado desse processo, passando de um substantivo para um pronome de primeira pessoa do plural.

O terceiro capítulo inicia com uma breve apresentação e discussão acerca do conceito de Lusofonia e implicações ligadas a este conceito. Após, realizamos uma discussão sobre como

se caracteriza a Língua Portuguesa nos PALOP, inicialmente fazendo uma breve apresentação da língua no Brasil e seguindo para o contexto sociolinguístico de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, pois, embora esses países possuam a Língua Portuguesa como língua oficial, ela não é usada como língua materna, por exemplo, por todos. Esse capítulo serve também para explicitar a presença de inúmeras línguas nativas de cada nação.

No quarto capítulo fazemos a apresentação de alguns trabalhos realizados sobre a alternância pronominal de *nós* e *a gente*, desde artigos até teses de doutorados. Buscamos apresentar trabalhos de diferentes regiões do país, assim temos: Lopes (1998); Mattos (2013); Mendonça (2012); Franceschini (2011). Além desses, apresentamos um estudo da variedade do português europeu, Vianna (2016).

No quinto capítulo temos os procedimentos metodológicos. Inicialmente, apresentamos a metodologia da pesquisa e em seguida fazemos uma apresentação do projeto PROFALA e dos organizadores do nosso corpus. Neste capítulo apresentamos ainda acerca do procedimento de coleta e análise dos dados e, apresentamos também todos os grupos de fatores utilizados em nossa pesquisa: país de origem; sexo; tempo de permanência no Brasil; preenchimento do sujeito; saliência fônica verbal; paralelismo linguístico de nível discursivo e grau de determinação do referente sujeito. No capítulo cinco finalizamos com os resultados das análises de cada grupo de fatores. Para cada grupo de fatores, apresentamos inicialmente uma análise geral e em seguida delimitamos por cada país: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Por fim, trazemos as conclusões apresentando os cruzamentos de dados de cada variável com os países, e confirmando ou não nossas hipóteses iniciais, seguidas das referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA

2.1 Sociolinguística

Após o memorável marco que causou uma revolução na história dos estudos linguísticos no início do século XX, ocasionado por Ferdinand de Saussure com a publicação de sua célebre obra, o *Curso de Linguística Geral*, foram surgindo vários estudos relacionados à área que se configurou em novos ramos da, a partir de então, denominada como Linguística Moderna.

Entre esses novos ramos temos o surgimento da Sociolinguística, embora os estudos relacionando língua e contexto social podem, aparentemente, parecer recentes, mas antes mesmo do surgimento da Sociolinguística, vários pesquisadores já realizavam trabalhos inseridos nessa perspectiva. Alckmin (2001) comenta que:

[...] Integrados ou não à grande corrente estruturalista, que ocupou o centro da cena teórica, particularmente, a partir dos anos 1930, encontramos linguistas cujas obras são referências obrigatórias, quando se trata de pensar a questão social no campo dos estudos linguísticos. [...], mas uma breve referência a alguns nomes, ligados ao contexto europeu, impõe-se: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson (ALCKMIN, 2001, p. 24).

Como podemos ver, nomes atualmente consagrados já correlacionavam o contexto social a estudos dentro da Linguística anos antes do trabalho inicial de William Labov, como veremos mais à frente. Então, podemos depreender que a Sociolinguística não foi um marco tão importante assim, já que estudos “parecidos” já existiam muito antes? Óbvio que os estudos sociolinguísticos não se resumem a apenas esse fator, senão não faria sentido a instauração da sociolinguística como uma subárea da Linguística, como veremos a seguir.

O surgimento da Sociolinguística como uma subárea da Linguística deu-se início a partir da realização de uma conferência intitulada *The Dimensions of Sociolinguistic* realizada na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), no ano de 1964, da qual vários estudiosos como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Hell Hymes, entre outros, participaram.

Segundo Alckmin (2001), Bright foi o responsável por organizar e publicar sob o título “*Sociolinguistic*” os trabalhos que foram apresentados no congresso, o que veio a acontecer apenas dois anos depois, no ano de 1966. Bright também foi o encarregado de escrever um texto que seria utilizado como introdução na publicação, que intitulou “As dimensões da Sociolinguística” na qual descreveu, segundo Bright (1966 *apud* ALCKMIN, 2001, p. 28) que a Sociolinguística deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social.

Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974 apud ALCKMIN, 2001, p. 28). Aqui já vemos conceitos importantes para a subárea, o de observar e sistematizar as variações na língua correlacionadas ao contexto social.

Alckmin (2001, p. 31) afirma que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de usos”, e esse objeto parte de um determinado grupo de pessoas (podendo ser aplicável a variados grupos), o que é denominado como *comunidade linguística* que, ainda segundo Alckmin (2001, p. 31), “se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo [...] mas por indivíduos que se relacionam por um mesmo conjunto de regras”, ou seja, dentro de uma mesma comunidade linguística, é possível que exista diferentes modos de se falar a “mesma coisa”, entre outras distinções na fala do dia a dia, denominado como *variedades linguísticas* pela Sociolinguística, e a utilização de um conjunto dessa variedade linguística por uma comunidade é denominado *repertório*.

É possível observar que, em qualquer comunidade de fala, há um conjunto de variedades linguísticas que coexistem ao mesmo tempo, e que são utilizadas conforme o contexto das relações sociais que são ajustadas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Essas variedades são socialmente agrupadas em dois tipos: as de prestígio e as estigmatizadas. Nas sociedades do mundo ocidental, ainda há um tipo de variedade inserida na de prestígio, a variedade padrão (também chamada de norma e/ou língua culta) que, segundo Alckmin (2001, p. 40), define como “socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas [...] em função da formalidade da situação”. As noções de prestígio ou estigmatizadas são conceitos frutos de julgamento social nas quais as variedades de prestígio está associada aos falantes que possuem maior escolaridade, e que geralmente residem nos grandes centros urbanos e/ou possuem classe socioeconômica alta, enquanto as variedades que são estigmatizadas estão associadas aos que, por vezes, não possuem formação escolar ou não concluíram o ensino básico, geralmente moram afastados dos grandes centros urbanos como os moradores da periferia, área rural etc. e, conseqüentemente, podem não fazer parte da classe socioeconômica alta. Os conceitos de prestígio e estigmatizada também estão associados ao conhecido como “preconceito linguístico” que, embora possua linguístico no nome, não está relacionado ao linguístico, e sim relacionado ao contexto social (conforme mencionado acima) ao qual o falante que utiliza variedade linguística X ou Y esteja inserido.

A Sociolinguística abriga diversos enfoques, entre eles temos as seguintes, segundo Camacho (2001, p. 49): a *Sociologia da Linguagem* que “lida com fatores sociais em grande escala, associados à uma linguagem, como decadência e assimilação de línguas minoritárias, [...] planejamento linguístico em nações emergentes”; a abordagem que tem como interesse a descrição e a análise das formas dos “eventos de fala” e em mais específico como “as regras que dirigem a seleção que o falante opera em função dos dados contextuais relativamente estáveis, como [...] as regras que dirigem o modo como cada participante sustenta a interação verbal em curso” e assim abriga-se, atualmente, sob a *Sociolinguística Interacional*; E, por último, a *Sociolinguística Variacionista* que partindo da consideração da linguagem como um fenômeno social “fica claro [...] que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico” (CAMACHO, 2001, p. 50). Este último será utilizado em nossa pesquisa, e desse modo, realizaremos uma maior explanação desse enfoque e seus desdobramentos no tópico seguinte.

Até aqui já podemos observar que a Sociolinguística se propõe ir muito além de estudos que relacionam a área da Linguística com os estudos sociais como as áreas que propunham anteriormente. É possível perceber que seu objetivo é ir a fundo ao estudar a língua em seu contexto de uso real. No próximo tópico abordaremos um dos importantes conceitos trazidos pela Sociolinguística.

2.1.1 Teoria da Variação e Mudança

Para este trabalho, conforme mencionado no tópico anterior, adotaremos o conceito de variação segundo a Sociolinguística Variacionista, a qual entende que a variação é parte integrante da língua e que ocorre de modo natural.

É comum perceber que dois falantes de uma mesma língua não falam do mesmo modo, bem como um mesmo falante que utiliza a fala de modo distinto a depender dos contextos em que se está inserido. Segundo Camacho (2001, p. 50), “o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Coelho *et al.* (2015, p. 16) destacam que a “variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes”, fato facilmente identificável no cotidiano, pois falantes que falam de

maneiras distintas estão sempre em contato e essas diferenças no modo de falar não fazem com que a comunicação seja prejudicada de alguma forma.

A variação pode ocorrer nos diferentes níveis do sistema linguístico: *lexicalmente, fonologicamente, morfofonologicamente, morfológicamente, morfossintaticamente, sintaticamente* e/ou *discursivamente*, e podem ocorrer tanto na *fala* quanto na *escrita*. Ela é condicionada por fatores internos e/ou externos. Nos fatores internos, também chamados de fatores linguísticos, podemos apontar, por exemplo, o condicionador *saliência fônica* que está relacionado à concordância verbal, ou o condicionador *marcadores discursivos* que serve, por exemplo, para requerer a atenção do ouvinte para o diálogo. Nos fatores externos, também chamados de fatores extralinguísticos ou sociais, podemos ter a classe social, profissão, idade, ou lugar onde mora como influenciadores. Além disso, influenciado por esses fatores extralinguísticos, podemos ter diferentes tipos de variação: *variação regional (ou geográfica), social, estilística*.

Dentre os fatores internos da língua que ocorrem a variação, Camacho (2001, p. 57) traz alguns exemplos:

[...] inicialmente, o nível fonológico: a alternância entre qualquer pronúncia de [r] e sua ausência, em formas infinitivas do verbo como ‘falá’, ‘comê’, é um exemplo de variação sonora. Já no nível morfológico, é possível observar a alternância de sufixos derivacionais, como ‘salaminho’ e ‘salamito’, que identificam uma diferença entre o falar paulista e o gaúcho. No nível sintático, observe os vários tipos de construção relativa, nos seguintes exemplos: “A moça de quem você falou estuda no colégio” x “A moça que você falou dela estuda no colégio” x “A moça que você falou estuda no colégio”. Observe [...] a alternância lexical entre ‘jerimum’/‘abóbora’, ‘macaxeira’/‘aipim’/‘mandioca’ fornece identificação da origem regional do falante (CAMACHO, 2001, p. 57).

Ainda, dentre os fatores internos, na variação regional temos os diferentes modos, por exemplo, para se referir à fruta tangerina, conhecida também como bergamota e/ou mimosa, o que vai depender de qual região o sujeito está. Na Variação social, segundo Camacho (2001, p. 58), “as diferenças linguísticas são motivadas por diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, de ordem sociobiológica, como idade e sexo [...] entre outros”. A variação estilística, ainda conforme Camacho (2001, p. 60), “é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado”, ou seja, de acordo com o contexto em que se está inserido, seja formal ou informal, o informante escolherá o melhor repertório linguístico adequado para a situação.

Dentro da variação, há ainda contido conceitos como *variante(s)* e *variável(is)*. A primeira concerne, conforme Coelho *et al.* (2015, p. 16), ao “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” como, por exemplo, o uso do *tu* e o *você*, pronomes utilizados para se referir a segunda pessoa do singular. Estes estariam em competição na língua e o favorecimento de uma ou outra se dá por fatores linguísticos ou extralinguísticos. O segundo conceito diz respeito ao lugar na gramática em que localizamos a variação, utilizando o exemplo acima, a variável no caso é a expressão pronominal de segunda pessoa, mais especificamente segunda pessoa do singular. Aplicando para nossa investigação, as variantes investigadas são o uso do *nós* e *a gente*, que são pronomes da primeira pessoa do plural, e essas duas variantes fazem parte da variável que é a expressão pronominal de primeira pessoa do plural.

Além disso, quando ocorre a variação, as variantes habitualmente podem receber valores diferentes na comunidade em questão. Para além das variantes de prestígio ou estigmatizada, conforme explicitado no tópico anterior, as variantes podem ser classificadas como *padrão* ou *não padrão*, em que a primeira geralmente pertencem às variedades cultas da língua, já as não padrão geralmente encontram-se distantes dessas variedades cultas. Ainda, as variantes podem ser classificadas quanto a serem *conservadoras* ou *inovadoras*, a variante conservadora geralmente são as variantes padrão, e costumam estar no repertório linguístico da comunidade há mais tempo do que as variantes inovadoras, que geralmente são as variantes não padrão.

Nessa perspectiva, a sociolinguística entende a língua como um sistema heterogêneo, diferentemente do que os linguistas a consideravam anteriormente, contudo, reconhece que essa heterogeneidade é estruturada e não interfere ou anula a sistematicidade da língua. Coelho *et al.* (2015, p. 59) explica que,

[...] enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. (COELHO *et al.*, 2015, p. 59).

Nessa perspectiva, a sociolinguística tem como foco principal as regras variáveis da língua, que a depender de certos contextos linguísticos, estilísticos entre outros. Assim, os falantes realizem o uso de uma forma ou de outra forma, alternando o uso de duas ou mais variantes, conforme explicitado acima.

A Sociolinguística trouxe consigo, além da teoria, uma metodologia. A pesquisa sociolinguística parte, como ponto inicial, do objeto de estudo para então construir o modelo

teórico. Geralmente, esse objeto de estudo parte da língua em uso, ou seja, o ato de fala não monitorado, espontâneo, também chamado de vernáculo. Para a pesquisa, o entrevistador procura obter uma grande quantidade de dados através das gravações em áudios, que atualmente é possível através de diversos recursos nos quais os informantes são encarregados, geralmente, de contar algum relato pessoal, o que viabiliza o registro da fala não monitorada, citada acima. Camacho (2001, p. 150) cita que, geralmente, “os informantes escolhidos são aqueles nascidos e criados na comunidade a ser estudada, ou que vivem desde os 5 anos de idade”. Ainda, conforme o autor (2001, p. 150),

a sistematicidade da linguagem é buscada através do estudo da variação [...] o linguista busca formular regras variáveis que descrevem e explicam os pesos relativos ligados aos fatores associados à ocorrência de duas formas variantes. [...] a regra é variável porque não é categórica, ou seja, não se aplica sempre (CAMACHO, 2001, p. 150).

Nesse viés, podemos utilizar como exemplo para a citação acima o uso do adjetivo na língua inglesa a qual é realizada antes do substantivo como “*Beautiful girl*”, sendo que na Língua Portuguesa este é realizado após o substantivo como na tradução das palavra acima “Garota Bonita”, sendo esses são exemplos de regras categóricas em suas respectivas línguas.

A partir da escolha da comunidade de fala que será utilizada para a pesquisa, o pesquisador deve montar *células* com a finalidade de se ter uma amostragem representativa. Tarallo (1985) apresenta um exemplo para composição dessas células, inicialmente, e de forma hipotética, o autor cita a influência de dois grupos socioeconômicos e sexo, assim o pesquisador terá duas células para cada variável, em seguida acrescenta como exemplo o condicionador faixa etária dividido em três grupos. Desse modo, conforme o autor, o pesquisador terá 12 combinações possíveis, como no quadro a seguir:

Quadro 1 – Descrição de células

	Sexo	Classe	Idade
1.	Masculino	A	15 a 29 anos
2.	Masculino	A	30 a 45 anos
3.	Masculino	A	46 a 60 anos
4.	Masculino	B	15 a 29 anos
5.	Masculino	B	30 a 45 anos
6.	Masculino	B	46 a 60 anos
7.	Feminino	A	15 a 29 anos
8.	Feminino	A	30 a 45 anos
9.	Feminino	A	46 a 60 anos
10.	Feminino	B	15 a 29 anos
11.	Feminino	B	30 a 45 anos
12.	Feminino	B	46 a 60 anos

Fonte: Tarallo (1985).

Assim, de acordo com Tarallo (1985, p. 29), “para cada uma das doze células você necessitará de um mínimo de 5 informantes de modo a garantir a representatividade da amostra”. Nesse viés, se o pesquisador adotar os três grupos como importantes para a sua pesquisa, necessitará entrevistar no mínimo 60 informantes.

Um conceito fortemente atrelado ao da variação é o da mudança, pois para que haja mudança no sistema linguístico é necessário que haja a variação, mesmo que ao contrário não seja equivalente, ou seja, mesmo que haja variação, não é obrigatório que a mudança ocorra.

Como dito anteriormente, a sociolinguística ocupa-se da estrutura e da evolução da linguagem, inserindo-a no contexto social da comunidade. Para Camacho (2001), toda mudança é o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistam a substituta e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro, isto é, nem todo processo de variação resulta necessariamente numa mudança diacrônica, caso em que a variação é estável e funciona como indicador de diferenças sociais. Mollica (2003, p. 10) afirma que “a variação constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”, essas variantes, no entanto, podem permanecer estáveis num sistema, durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem ainda sofrer mudança. Quando isso acontece, uma das variantes desaparece, prevalecendo outras formas linguísticas.

Ainda nesse viés, acrescenta-se que cada estado de qualquer língua é resultante de um contínuo e longo processo histórico e, que embora não sejam perceptíveis, as mudanças vão ocorrendo a todo momento e, inclusive, estas não afetam o caráter sistemático das línguas, pois continuam estruturadas enquanto vão acontecendo. A mudança linguística pode ser observada em dois planos diferentes, em uma perspectiva *sincrônica* ou *diacrônica*. De forma sincrônica, temos os estudos que são realizados através da observação do comportamento linguístico de gerações distintas num mesmo intervalo de tempo, também chamado de estudo em tempo aparente. De forma diacrônica, é captada pelo comportamento linguístico retratado ao longo de diferentes períodos, também chamado de estudo em tempo real.

Coelho *et al.* (2015, p. 76) explicam que a sociolinguística fornece ferramentas próprias para guiar uma pesquisa que leve em consideração a descrição de dados empíricos variáveis em variação e mudança, e estão relacionadas a um conjunto de problemas teóricos que orientam os estudos da área. Esses problemas empíricos são questões gerais que precisam ser respondidas pelo pesquisador em um estudo de natureza sociolinguística, e são eles: Problema da restrição; Problema do encaixamento; Problema da transição; Problema da Avaliação e; Problema da implementação.

O problema da restrição, conforme Coelho *et al.* (2015, p. 77), é que “buscam-se generalizações, e mesmo princípios universais, que governam a estrutura e a mudança linguística e a partir dos quais é possível prever direções de uma mudança”, contudo, essa busca não quer dizer considerar a faculdade da linguagem como uma propriedade isolada, como se fosse a parte da estrutura linguística e social. Assim, esses princípios não são absolutos e são aplicados categoricamente pois são responsáveis por indicar regularidades ou tendências gerais.

No problema do encaixamento é avaliado como um determinado fenômeno linguístico que está em processo de variação e/ou mudança está encaixado, seja na estrutura social, seja na estrutura linguística. O conceito de encaixamento está relacionado a “como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outro(s) fenômeno(s), que fatores linguísticos, estilísticos e sociais condicionam (favorecendo ou inibindo) determinadas variantes” (COELHO *et al.*, 2015, p. 79), além disso, relaciona-se também a apontar quais seriam as causas e os efeitos de uma mudança, e predizer possíveis direções dessas mudanças, entre outros aspectos. Há também outra importante questão, sobre a *covariação* poder explicar as mudanças, assim, Coelho *et al.* (2015, p. 81) explicam que trata-se “pela relação entre o fenômeno variável e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam como contextos de restrição, favorecendo ou desfavorecendo a aplicação de determinada regra”.

O problema da transição trata-se sobre como uma forma nova que é transmitida e incrementada. Coelho *et al.* (2015, p. 84) citam que “a transição diz respeito à maneira como uma mudança progride ao longo de sucessivas gerações, e a incrementação é o mecanismo pelo qual a mudança avança”. Ou seja, procura-se saber como as variantes passam de um estágio para outro. Alguns desses estágios são: “expansão dos contextos linguísticos de uso da variação/mudança”, “transmissão da variação/mudança de uma geração a outra”, “difusão da variação/mudança em tempo real” e “difusão da variação/mudança de um grupo social a outro”.

O problema da avaliação diz respeito à avaliação que o falante realiza sobre as formas linguísticas que estão em processo de variação e/ou mudança, e pode ser manifestada no nível linguístico e social. A primeira, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 91), “está associada à eficiência comunicativa na interação social, isto é, à utilidade funcional das formas”, e a avaliação social geralmente a permeia. A segunda, ainda conforme os autores (2015, p. 92), “é observada no comportamento do grupo: os membros de uma comunidade de fala atribuem significado social às formas linguísticas”.

O último problema, o da implementação, é, de grosso modo, sobre “investigar a que fatores se pode atribuir a implementação (ou atuação) da mudança e por que ela ocorre em

determinados contextos linguísticos ou em determinados lugares” (COELHO *et al.*, 2015, p. 94).

Desse modo, a variação entre *o nós* e *a gente* como alternantes na expressão de primeira pessoa do plural já é um dado comprovado a partir da realização de inúmeros trabalhos já publicados, e como citado anteriormente que a existência da variação não resulta necessariamente em mudança, vários trabalhos não apontaram indícios de mudanças em seus resultados. Assim sendo, nosso foco maior, neste trabalho, está em analisar a variação e os fatores condicionantes.

2.2 Gramaticalização de “a gente”

Neste subtópico nos deteremos de como ocorreu o processo de gramaticalização, em uma perspectiva diacrônica, com o substantivo “gente” até chegarmos em sua inclusão no quadro pronominal do Português Brasileiro como pronome alternativo de 1PP, alternando com *o nós*.

O processo de pronominalização do *a gente* no português, especificamente no português brasileiro, não é um processo recente. Várias pesquisas com essa temática já foram feitas e publicadas, como é o caso de Arruda (1998), Ferreira e Fontes (2010), Silva (2013), Aceti (2014), Souza Júnior (2014), Ribeiro e Vieira (2019), Ribeiro (2020), dentre outras.

Inicialmente, é importante ressaltar que a mudança estrutural na cadeia pronominal da gramática do português brasileiro (doravante PB) é iniciada com o processo de mudança do atual “você”. Após essa alteração o processo deu abertura para que esta estrutura fosse reestruturada. Desse modo, em relação ao “a gente”, que é o foco do nosso trabalho, faremos um percurso diacrônico até sua inserção como 1PP. Assim, Lopes (2003, p. 9) faz um resgate da etimologia do substantivo *gente*, o qual

origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*: ‘raça’, ‘família’, ‘tribo’, ‘o povo de um país, comarca ou cidade’. Meyer-Lübke (1935), no verbete 3.735, *gens*, – *ēnte* faz referência a *homo gentis* (pessoa da família). Em Corominas (1980), encontram-se abonações desde o século XIII até o século XV, havendo predomínio do uso plural (*las yentes*) no espanhol (LOPES, 2003, p. 9).

Na Língua portuguesa, o substantivo ocorria tanto no plural quanto no singular, mas a partir do século XVI a forma no singular começa a ter um maior uso, enquanto a forma no plural começa a cair em desuso. Vasconcellos (1906 *apud* LOPES, 2003, p. 10) afirma que “as particularidades da concordância no português arcaico, referem-se a casos de concordância

semântica, quando o sujeito, formalmente no singular – mas com significado plural ou coletivo –, leva o predicado para o plural”. E que essa concordância com o plural pode, ainda conforme Vasconcellos (1906 *apud* LOPES, 2003, p. 10), “ser um recurso, entre tantos outros no português arcaico, para expressar a impessoalidade do sujeito”. Ou seja, a concordância semântica não acontecia somente com relação às propriedades de número, mas também poderia ocorrer referente ao gênero, pois Huber (1986 *apud* LOPES, 2003, p. 10) relata que “também gentes se liga por vezes, no sentido de homens, a predicado masculino”.

Ainda no português arcaico, a associação entre gentes com o vocábulo homem, sendo seu uso como substantivo ou mesmo como pronome indefinido, é um tema regular nas gramáticas históricas, sobretudo quando os recursos possíveis para indeterminação de sujeito são apresentados.

Além de ser usado como recurso para indeterminação de sujeito, segundo Chaves de Melo (1980) e Said Ali (1964, citados por LOPES, 2003), a expressão pronominal “a gente” já foi um tema muito controverso. Listamos abaixo algumas classificações que *a gente* já recebeu:

- a) Cunha e Cintra (1985 *apud* SÓRIA, 2014), incluíram *a gente* sob o título de ‘fórmulas de representação da 1ª pessoa’ que podem substituir *nós* e eu.
- b) Bechara (1963:166 *apud* PEREIRA, 2003, p. 4) aponta o *a gente* como “pronome usado ‘fora da linguagem cerimoniosa’, que substitui os pronomes eu ou *nós*, estando o verbo sempre na terceira pessoa do singular”.
- c) Nomes como Almeida (1985) e Bechara (1967), segundo Sória (2014), “estão entre os autores que qualificam a gente como um pronome de tratamento”.
- d) Nunes (1919, citado por PEREIRA, 2003, p. 4), “inclui a gente na categoria dos substantivos, apesar de já o aproximar de um pronome ao afirmar que pode ser usado ‘com valor indefinido’.”
- e) Lopes (2003), entre outros, considera *a gente* como um pronome pessoal completo que pode ser usado tanto em substituição de *nós* como com interpretação arbitrária.
- f) A forma *a gente* na gramática de Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1971 *apud* PEREIRA, 2003), está classificada com estatuto de ‘sujeito impessoal, vago e indeterminado. E incluí também o emprego de *a gente* em substituição à primeira pessoa do plural.

Nos itens gramaticalizados, conforme vimos anteriormente na descrição do processo de gramaticalização, o pronome *a gente* ainda conserva características de sua forma original. Entre essas características, está o de não ser possível ocorrer junto a determinantes (*a gente quatro**). Além de possuir um caráter arbitrário em que, conforme Lopes (2003) a impessoalidade da

terceira pessoa pode ter influenciado as demais (tanto a segunda do singular como a primeira do plural), atualmente representadas por você e a gente”, tanto um como o outro possuem um aspecto de impessoalidade. Ao utilizar o pronome *a gente* podemos estar, além de nós mesmos, incluindo o ouvinte e uma “não-pessoa”, que é convencionado por Benveniste (1988) como o “eu-ampliado”.

Além de outros autores como Lopes (2003), Sória (2014, p. 34) apresenta diversos argumentos para considerar o “a gente” como um pronome já gramaticalizado:

- i) Possibilidade de a gente ocupar diferentes posições na frase, ou seja, ser sujeito, complemento direto, complemento indireto ou complemento preposicionado; ii) Possibilidade de a gente concordar com verbo na 3ª pessoa do singular ou na 1ª do plural, fato que pode ser interpretado como um processo de gramaticalização inclinado a fixar a gente como 4ª pessoa, coexistente com nós; iii) Possibilidade de a gente ocorrer em construções em que é o antecedente do pronome reflexivo *se*; iv) Possibilidade de a gente exercer vários valores, isto é, de designar uma ‘pluralidade mais ou menos definida’, arbitrária, a 1ª pessoa do singular *eu* e a 1ª pessoa do plural *nós*; v) Possibilidade de a gente ter o gênero definido de acordo com a interpretação (SÓRIA, 2014, p. 34).

Ou seja, já não é possível considerar que “a gente” já não esteja gramaticalizado completamente, apesar de conservar algumas características da forma fonte, o que é comum. Em vista disso, do que foi relatado nesta seção, muito já se foi visto e estudado em relação às discussões acerca da gramaticalização de “a gente”, ao que podemos concluir, sem dúvida, de que, atualmente, o uso de “a gente” como um pronome já está em sua fase plena, o que não necessitará de novas discussões a esta questão.

3 CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DOS PALOP

Esse capítulo objetiva apresentar de forma breve como é caracterizado o contexto sociolinguístico de cada um dos países que fazem parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), já que o corpus utilizado será aquele de falantes africanos, o qual consideramos importante observar como a língua portuguesa está inserida nesses países, mesmo que de forma breve.

Nessa perspectiva, é fato que os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) possuem em comum com um país localizado na América do Sul (Brasil) e um país asiático (Timor-Leste) é o de possuírem a Língua Portuguesa como língua oficial, resultado decorrente de haverem sido colonizados pelo povo de um mesmo país, ou seja, os portugueses. Porém, o status de língua oficial não corresponde a afirmar que estes países, incluindo Portugal, apesar de utilizarem a mesma língua, a utilizem de uma mesma forma, embora haja a existência de um acordo ortográfico da Língua Portuguesa que, como o próprio nome explicita, este se limita apenas à grafia. Além do processo de variação e mudança na língua, outros aspectos podem contribuir para que ocorra alteração na forma de se utilizar uma língua, ocasionando assim que estes países falem de formas diferentes uma mesma língua.

3.1 A Lusofonia

Antes de adentrarmos mais a fundo no assunto, é preciso introduzir o conceito de Lusofonia. Este conceito é alvo de várias discussões, por estar relacionado à circunstância de ser uma espécie de "instrumento nas mãos do colonizador", conforme Orlandi (2007, p. 18):

[...] A noção de lusofonia se aplica a situações de domínio das línguas sob a colonização. Assim, a palavra lusofonia preserva a noção de homogeneidade e alimenta o repertório da colonização. [...] Não há uma unidade que se possa chamar de lusofonia. Ela pode ser o pretexto para nos compreendermos em nossas especificidades.

Apesar de concordarmos com o autor de que a relação de falarmos hoje o português se dá por conta da ação do colonizador, como explicitado anteriormente, ao qual não foi realizada de forma pacífica e nem benéfica, o que repercute até atualmente pelos locais que passaram, em nosso trabalho não seguiremos por esse viés.

Seguindo a ocorrência de a Língua Portuguesa haver sido disseminada em 4 diferentes continentes (asiático, europeu, sul-americano e africano) de um total de 7 continentes, resultando num termo multissignificativo, a lusofonia segundo Faraco (2012, p. 2), pode ser entendida como um termo “polissêmico”, em que:

Ora é usado para fazer referência ao conjunto dos falantes de português mundo afora – diz-se, portanto, da população lusófona. Um uso descritivo, que recorta uma determinada quantidade e, aparentemente, não carrega maiores implicações políticas ou valorativas. Mas há usos bem marcados valorativa e politicamente. LUSOFONIA ... como o nome de uma idealizada irmandade de sentimentos e tradições... LUSOFONIA com uma vibração especial das cordas do coração, com um senso de lírica pertença a uma indefinida comunidade transnacional e intercontinental unida pelo imaginário da mesma língua e de tudo que o acompanha. ... LUSOFONIA é também o nome de diferentes projetos políticos, de diferentes planos estratégicos de geopolítica – convergentes alguns em certos momentos, mas, em geral, silenciosamente divergentes e até concorrentes (FARACO, 2012, p. 2).

Para este estudo, utilizaremos a definição de que a lusofonia se refere a um conjunto de falantes do português que estão espalhados pelo mundo, pois, seguindo o argumento de Faraco, é a definição que mais se adequa ao que pretendemos, que é o fato da diversidade linguística estar materializada na lusofonia, ou seja, entre os falantes lusófonos. Podemos ainda falar acerca dessa diversidade linguística lusófona citando Agualusa (2005, p. 1 *apud* BANDEIRA, 2018, p. 4):

A lusofonia é, simultaneamente, mais, e menos, do que o conjunto dos países onde se fala português. É mais, porque inclui os imigrantes lusófonos, cujo número, em países como os Estados Unidos, a França ou a África do Sul, ultrapassa até, por exemplo, a população do arquipélago de São Tomé e Príncipe. Inclui ainda fragmentos dispersos de populações de matriz portuguesa, que, não obstante o isolamento, continuam a falar português desde o berço, como acontece em Diu. É menos, porque em alguns dos países de língua portuguesa, como em Timor ou em Moçambique, só uma reduzida percentagem da população se comunica em português. Importa ainda referir que em todos os países de língua portuguesa, incluindo em Portugal, se falam outras línguas nacionais. (AGUALUSA, 2005, p. 1).

Ou seja, o autor deixa bem nítido de que não importa onde a Língua Portuguesa esteja presente, seja usada como língua oficial ou não, ela convive com outras línguas, dividindo espaços, o que a torna impossível de não ser diversificada a partir do contato com essas outras línguas utilizadas no dia a dia dos falantes, o que veremos mais detalhadamente a partir dos subtópicos a seguir.

3.2 A Língua portuguesa no Brasil e nos PALOP

Embora não seja o foco deste trabalho, consideramos trazer um breve panorama do contexto sociolinguístico do Brasil, país também colonizado por Portugal, para entendermos um pouco sobre o perfil sociolinguístico deste país e, além disso, como os trabalhos de arte utilizados neste estudo são de autores que realizaram pesquisas sobre a variação linguística entre o *nós* e *a gente* nas regiões do Brasil, justifica esse breve apanhado.

3.2.1 Brasil

No Brasil, umas das formas de variação da fala que existe ocorre entre as diferentes regiões do país (como explicitado em seção anterior), e um dos fatores entre os que são responsáveis está no fato de que, além da colonização portuguesa, este país sofreu a influência e presença de outros povos (alemães, espanhóis, italianos, japoneses etc.), além dos povos indígenas que já estavam aqui.

Desse modo, além do Português como língua oficial, temos também as línguas indígenas que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) identificam que “os resultados do Censo 2010 apontam para 274 línguas indígenas faladas por indivíduos pertencentes a 305 etnias diferentes”, além disso, o país possui a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), que como o próprio nome já nos diz é a Língua de Sinais utilizada no Brasil para manter a comunicação com as pessoas surdas, conforme Silva (2019, p. 45) apresenta,

Essa língua por muito tempo foi comparada com a mímica, contudo, através dos movimentos sociais [...] institui-se uma lei de reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do Brasil, a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que em seu Art. 1º reconhece a Libras ‘como meio legal de comunicação e expressão’, no parágrafo único deste Art. 1º a Libras é entendida como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (SILVA, 2019, p. 45).

Nesse sentido, embora haja 274 línguas de origem indígena e a Libras, que possui juntamente com o português o status de língua oficial do país, somente a Língua Portuguesa é aprendida, difundida e utilizada como língua primeira. Assim, o foco de nossa pesquisa está no uso do português pelos falantes membros dos PALOP, então nos deteremos nos próximos subtópicos em mostrar o contexto linguístico existente em Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

3.2.2 Angola

Angola, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2013, p. 33), possui uma área total de 1.246.700,0 km². Assim, segundo Inverno (2004 *apud* PONSO, 2008, p. 152) “pela vastidão territorial, Angola é o segundo maior país de língua oficial portuguesa”.

Ainda conforme o site do instituto (<https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas>), o país possui uma população de 33.086.278, sendo quase em sua totalidade formada por origem Bantu. e a nação é dividida em 18 províncias, entre as quais temos a província do Bengo, Benguela, Luanda, Moxico, Huambo entre outras.

Inserida em um contexto de plurilinguismo em que, segundo Ponso (2008, p. 154), “coabitam três grandes grupos linguísticos que se distinguem genética e estruturalmente: (a) as línguas africanas de origem não bantu; (b) as línguas africanas de origem bantu; (c) a língua portuguesa, de origem neolatina”, temos entre as línguas faladas no país, o Kikongo, Tchinguwela, Kimbundu, Tchihelero, Lunda, Kazama, Kede, Quioca, Olunianeca, Tchiluba, Tchicuanhama e o Umbundo.

Conforme afirma Inverno (2005, p. 1 *apud* GALVES, 2008, p. 151) “o português é falado como língua materna por menos de 20 % da população” pois de acordo com Patel (2006 *apud* PONSO, 2008, p. 153) “ainda hoje, é comum as crianças chegarem à escola aos sete anos de idade sem saber falar o idioma oficial de seu país”, ou seja, a língua portuguesa (língua oficial) funciona como uma segunda língua para eles. Contudo, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) (*apud* PONSO, 2014), “apenas 26% dos angolanos têm o português como língua materna, 30% têm o umbundu como língua materna, 16 % o kimbundu, 8 % o kikongo, 6 % o tchokwe e 14 % as restantes línguas do país”. Desse modo, o idioma mais falado em Angola, como língua materna, não é o português, e sim o umbundu.

3.2.3 Cabo Verde

Em Cabo Verde, conhecido como as ilhas de Cabo Verde, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2013, p. 34), possui um território de 4.033,0 km², e uma população de 512.582 habitantes. O país possui 10 ilhas, mas somente 9 são habitadas, e Rosa (2017, p. 3) cita que “cada qual com sua particularidade linguística e, em meio a este cenário, encontra-se o português que, para a maioria, não só é a língua oficial, mas também a segunda língua do país”. Além disso, ainda em conformidade com Rosa (2017, p. 3), ao explicar o conceito de

Língua 1 (L1), como “a primeira língua do indivíduo, ou seja, é a primeira língua que o falante adquire ainda criança, quase sempre em casa, com os pais, no convívio social”, a autora afirma que em Cabo Verde a L1 é o cabo-verdiano. Ponso explica que,

A situação de insularidade fez com que cada uma das dez ilhas desenvolvesse uma forma própria de falar crioulo, ou seja, em cada ilha há uma variante diferente da mesma língua que é o crioulo cabo-verdiano. As variantes mais importantes são as de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão (PONSO, 2014, p. 13).

Ainda sobre o cabo-verdiano, esta língua que surgiu a partir da necessidade de se possuir um

instrumento simples e instável de comunicação para favorecer o entendimento, não só dos escravos entre si como também entre estes, os nativos das ilhas e os próprios colonos, principalmente para satisfação comercial. E esse instrumento, denominado pidgin, deu origem ao Crioulo Cabo-verdiano de base portuguesa e africana (MENDES, 2009, p. 18).

Desse modo, o caboverdiano é uma língua que é resultado de um processo de descrioulização desse “crioulo de base portuguesa e africana”. Ponso (2014, p. 14) cita que “embora o bilinguismo esteja largamente espalhado em Cabo Verde, o cabo-verdiano não necessita do português para a comunicação no dia-a-dia. O português restringe-se às funções burocráticas e oficiais e à comunicação com o exterior”.

Em 1999, é instituído o português como língua oficial do país, mas com a ressalva de que o Estado promova condições para que o cabo-verdiano como língua materna seja oficializado em paridade com a Língua Portuguesa. Ainda no mesmo ano, o Governo aprovou o Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC).

Nesse sentido, o crioulo cabo-verdiano, ou simplesmente o cabo-verdiano, passa a ter o estatuto de “língua oficial em construção” enquanto que se exige ao homem cabo-verdiano que “conheça as duas línguas” e se respeite o “direito de usá-las”, segundo Ponso (2014).

3.2.4 Guiné-Bissau

Partindo para Guiné-Bissau, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2013, p. 34), o país compreende uma área de 6.125,0 km² e 1.515.224 em número de habitantes. Guiné-Bissau subdivide-se em “12 grupos etnolinguísticos, dos quais: os Balantas e os Papéis (animistas); os Fulas, os Manjacos e os Mandingas (muçulmanos) são dentre todos, os mais

representativos”, conforme cita Zau (2002, p. 181). Acerca das línguas faladas no país, Segundo Cá e Rubio (2019, p. 392):

As línguas nativas e o guineense hoje persistem e são faladas no cotidiano da população de Guiné-Bissau. Os líderes dos partidos de libertação nacional dos países africanos acolheram a língua portuguesa, fazendo dela uma língua de instituição e “instrução”, ainda que os portugueses tivessem se retirado do território guineense.

Desde o primeiro ano escolar, a língua do ensino é o português, desse modo, de acordo com Peixoto e Carioca (2012), o português na Guiné-Bissau vai assumir um status de língua oficial, mas servindo apenas como língua da diplomacia. Temos, ainda conforme Cá e Rubio (2019, p. 394) que nesse país, “a língua portuguesa é simplesmente uma língua de prestígio e proporciona o reconhecimento social associado à sua condição de língua do conhecimento e da cultura”.

Além do Português, como mencionado acima, temos o Crioulo como língua vernácula e nacional, e existem ainda cerca de vinte línguas em Guiné-Bissau, conforme Couto e Embaló (2010). Dentre elas temos, o Fula com 25% dos falantes totais, seguido da Balanta 24% e Mandinga 14%, Manjaco 9% e outras com porcentagens menores (Papel 9%, Brame 4%, Beafada 3% etc). Com número pouco significativo de falantes, ainda podem ser citadas as línguas: Bayote, Banhum, Badyara, Cobiana, Nalu, Cunante, Cassanga, Wolof.

3.2.5 Moçambique

Moçambique, conforme dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2013, p. 35), possui 799.380,0 km² de área territorial, e população de 23.405.670 habitantes, “somente 3% da população fala português como língua materna, e 40% como segunda língua”, segundo Gonçalves (2004, p. 230 *apud* GALVES, 2008, p. 151). Além disso, o português convive com línguas estrangeiras como as de origem asiática e o inglês, No quadro a seguir, para Zau (2002, p. 181), as demais línguas, as autóctones, estão divididas assim:

Quadro 2 – Línguas Nacionais Africanas em Moçambique

Línguas	Número de Falantes	% de Falantes Total = 11 634 583
MACUA	3 231 559	27,7
TSONGA	1 444 187	12,4
SENA	1 087 262	9,3
LOMWE	907 521	7,8
SHONA	759 930	6,5
TSUA	696 212	5,9
CHUABO	664 319	5,7
RONGA	423 797	3,6
MARENDJE	402 952	3,4
NYANJA	385 875	3,3
CHOPE	332 924	2,8
NYUNGWE	262 455	2,2
MACONDE	224 662	1,9
BITONGA	223 971	1,9
YAO	194 107	1,6

Fonte: Censo Populacional realizado em 1980 (ZAU, 2002).

A partir da leitura do quadro elaborado por Zau (2002, p. 181), podemos inferir que, possivelmente, Moçambique é o segundo país africano que possui a maior variedade de línguas existentes em relação aos países membros dos PALOP.

Pela pouca quantidade de falantes do português,

a partir de 2004, as escolas moçambicanas passaram a ter um currículo do ensino primário que inclui um modelo monolíngue só em português destinado a crianças que têm o português como língua materna e um modelo bilíngue em línguas moçambicanas e português para crianças de zonas rurais que não têm o português como língua materna (PONSO, 2014, p. 21).

Essa medida foi tomada após pressão social e também por exigência por parte da sociedade civil.

3.2.6 São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe, composto por duas ilhas grandes (São Tomé e Ilha do Príncipe), de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2013, p. 36), possui uma área total de 1.001,0 km² e conta com uma população de 165.397 habitantes. Conforme Balduino (2018 *apud* SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020, p. 46), “o arquipélago apresenta grande riqueza de recursos naturais, culturais, étnicos e, também, grande variedade linguística. STP é reconhecido por seu caráter multilíngue, onde diferentes línguas convivem e mantêm-se em contato”.

De acordo com Bandeira (2018, p. 7-8):

[...] o português convive com outras línguas, sendo elas [...] o principense ou o lung'Ié, (falado na região autónoma do Príncipe), o kabuverdiano (falado pelos descendentes dos cabo-verdianos), o angolar ou anguené (falado por uma pequena população do sul e do norte das ilhas), e o mais recente tonga (uma variante do português falado pelos descendentes dos angolanos e moçambicanos, cujo sotaque e entonação é diferente do português dos restantes santomenses).

Nessa perspectiva, Santiago e Agostinho (2020, p. 47) afirmam que “o português do Príncipe é notadamente dividido entre português como L1, para a maioria dos principenses, e como L2 para aqueles que falam o kabuverdiano como L1 e aprendem o português na escola” e que “o português é a língua mais falada em São Tomé e Príncipe, com 170.309 falantes”. Santiago (2015 *apud* SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020, p. 47) nos revela ainda “que o santome tem se tornado a língua crioula mais falada, mesmo pelos outros grupos minoritários, mas é cada vez menos aprendida como língua materna, papel desempenhado pelo português”.

Desse modo, São Tomé é o terceiro país na ordem de porcentagem de falantes de português (depois de Portugal e Brasil), sendo o país africano onde mais se fala o português, e a variedade nacional chama-se português são-tomense. Além disso, as línguas crioulas faladas

em neste país não gozam do estatuto de língua oficial, não possuem uma ortografia oficial e estão excluídas do sistema educativo.

4 ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Como dito anteriormente, estudos que envolvem a AP entre *nós* e *a gente* nas variedades africanas de Língua Portuguesa ainda não são existentes. Nesse viés, e partindo da premissa em que o *a gente* como pronome já está com seu processo de gramaticalização finalizada, vários autores analisaram a variação entre *a gente* e *nós* (pronomes de 1PP) em distintos locais do Brasil, dentre os quais, escolhemos Lopes (1998), Mendonça (2012), Franceschini (2011), Mattos (2013), assim como expomos também a pesquisa realizada por Vianna (2016) acerca da variedade do Português Europeu (PE), com o objetivo de apresentar alguns dos resultados que explicitaram a AP entre *nós* e *a gente*, sem a pretensão de retomá-los na organização dos grupos de fatores elencados em nossa análise que se fundamenta em Rubio (2012).

4.1 Estudo de Lopes (1998)

Lopes (1998) realizou a pesquisa a partir de um corpus constituído de uma amostra de 18 entrevistas do Arquivo Sonoro do projeto NURC/Brasil. Das 18 entrevistas, 6 são referentes a cidade do Rio de Janeiro, 6 de Salvador e 6 de Porto Alegre.

A autora explica que obteve-se um total de 972 dados, sendo 375 de *nós* (39%), 333 de *a gente* (34%), 187 de sujeito \emptyset com verbo na 4a pessoa gramatical (19%) e 77 de sujeito \emptyset com verbo na 3a pessoa do singular (8%). Com o valor de aplicação da variante inovadora, a rodada geral evidenciou os seguintes resultados:

Quadro 3 – Resultados de Lopes (1998)

	FATORES	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
		Nº de ocorr/perc	Nº de ocorr/perc	Total / ocorrências
PARALELISMO	FORMA ANTECEDEN-TE (Suj. \emptyset + verbo em P3)	4 / 8%	44 / 92%	48 / 100%
	FORMA ANTECEDEN-TE (Suj. <i>a gente</i>)	23 / 13%	161 / 87%	184 / 100%

SEXO / FAIXA ETÁRIA	M1 – MULHERES (25-35 ANOS)	24 / 18%	106 / 82%	130 / 100%
SALIÊNCIA FÔNICA	NÍVEL 1 (FALAVA/FA- LÁVAMOS)	144 / 64%	81 / 36%	225 / 100%
	NÍVEL 2 (FALA/FA- LAMOS; TROUXE/TROUX EMOS, ETC.)	104 / 36%	183 / 64%	287 / 100%
REGIÃO GEO- GRÁFI- CA	Rio de Janeiro (sudeste)	152 / 41%	217 / 59%	369 / 100%
EU AMPLIA DO	EU + VOCÊ (S) + ELE (S) (grau máximo de indet.)	170 / 40%	252 / 60%	422 / 100%
TEMPO VERBAL	GERÚNDIO	1 / 17%	5 / 83%	6 / 100%
	INFINITIVO	13 / 31%	29 / 69%	42 / 100%
	PRESENTE DO IND.	288 / 51%	276 / 49%	564 / 100%
MODALI- ZAÇÃO	AUX. MODAIS (poder, querer, etc.) + a gente	20 / 35%	37 / 65%	57 / 100%

Fonte: Lopes (1988).

De acordo com o quadro acima, segundo Lopes (1998), em relação à variável paralelismo, a variante inovadora é influenciada quando a forma antecedente é o sujeito ausente + verbo em P3 com 92% das ocorrências, e também quando a forma antecedente é o próprio sujeito “a gente”, com 87% das ocorrências. Em relação ao sexo associado à faixa etária, as mulheres de 25 a 35 anos realizam um maior uso de a gente, com 82% das ocorrências.

A saliência fônica do nível 1 (falava/falávamos) favorece o uso da variante conservadora, com 64% das ocorrências, já no nível 2 (fala/falamos; trouxe/trouxemos...) favorece o uso de “a gente” também com 64% das ocorrências. Em relação à região, no Rio de Janeiro, com 59%, realiza-se um maior uso da variante inovadora, já Porto Alegre, com 72%,

faz um maior uso do *nós*. Na variável “Eu” ampliado, o grau máximo de indeterminação influencia no uso de “a gente”, com 60%. No tempo verbal, o maior uso da variante inovadora é influenciado no gerúndio (83%), infinitivo (69%) e no presente do indicativo (49%). E, por último, em relação à modalização, os auxiliares modais (poder, querer...) + a gente, influenciam no uso deste com 65%.

4.2 Estudo de Mattos (2013)

Mattos (2013) estudou a AP no estado de Goiás, localizado na região centro-oeste do Brasil. A autora iniciou em 2008 uma coleta específica de fala de goianos e goianas com formação escolar mínima de 10 anos de estudos regulares, referentes a ter concluído o Ensino Médio ou a estar cursando o segundo ano dessa etapa escolar. No extremo oposto dessa escala, sem que se tenha estabelecido limitação de nível educacional, há 5 goianos com pós-graduação, um deles com pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado). Mas também constam do conjunto coletas de fala anteriores a essa data cedidas por outros pesquisadores, como, por exemplo, os 3 falantes originários da amostra de fala do município de Formosa (GO) cedidos pela pesquisadora Geruza de Souza Graebin, todas realizadas em áreas urbanas. E ainda uma entrevista, de 2006, coletada de um programa para a TV Anápolis

No corpus são, no total, 55 falantes, sendo 28 mulheres e 27 homens, com intervalo de idade entre 16 e 86 anos. Desse conjunto, 25 pessoas são de Anápolis, cidade a 60 quilômetros de Goiânia. Na amostra há duas pessoas naturais de outros estados, mas residentes há mais de 30 anos em Goiás; e duas pessoas nascidas na área do Distrito Federal, mas com família nativa de Goiás e eles mesmos residentes em território goiano. A fala do/a entrevistador(a) com a escolarização requerida também foi considerada quando apresentou forma referente à 1pp.

A autora explica que a amostra foi subdividida em três faixas etárias: dos 16 aos 24 anos, dos 25 aos 40 anos e dos 41 aos 86 anos de idade. Mattos (2013) ainda cita que na amostra, a pressão por um nível educacional mínimo de dois anos de Ensino Médio fez avançar o limite etário mínimo de jovem para 16 anos. Os falantes com ensino médio completo ou incompleto foram computados na faixa de 10 a 11 anos de escolarização; aqueles com ensino superior e pós-graduação foram computados na categoria "mais de 11 anos" de escolarização.

O estudo da alternância de uso das formas se baseou em somente dados com concordância verbal. Praticamente todos os dados de 1pp da amostra foram considerados, tanto para a análise da AP quanto para a análise das concordâncias verbais com *nós* e com *a gente*.

Após a seleção dos dados amostrais, a autora obteve um total de 2412 dados. Foi desse conjunto que resultou a análise estatística realizada pelo software Goldvarb X.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados pela autora foram os seguintes: tipos de sujeito, tempo verbal, e roteiro rítmico na forma verbal (ritmo). As variáveis independentes de caráter social foram: sexo/gênero do falante, nível de escolarização e faixa etária.

Quadro 4 – Resultados de Mattos (2013)

	FATORES	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
		Nº de ocorr/perc	Nº de ocorr/perc	Total / ocorrências
FAIXA ETÁRIA	16/24 ANOS	88/ 13%	602 / 87%	690/ 100%
	25 a 40 anos	218 / 23%	715 / 77%	933/ 100%
	41 a 86 anos	170 / 39%	269/61%	439 / 100%
TEMPO VERBAL	Imperfeito	57 / 12%	420 / 88%	477/ 100%
	Presente	145 / 15%	792 / 85%	937/ 100%
	Perfeito	266 / 42%	365/58%	631 / 100%
	Futuro do presente perifrástico	8 / 47%	9 / 53%	17 / 100%
NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO	Ensino Médio (10 anos de estudos)	109 / 13%	703/ 87%	812/ 100%
	Ensino Universitário (mais de 11 anos)	367/ 29%	883/1250 = 71%	1250/ 100%
	Grupo 1: Paroxítone – proparoxítone	57/ 12%	417/88%	474/ 100%

RITMO	Grupo 2: Paroxítona – paroxítona	80/ 13%	512/592 = 87%	592/ 100%
	Grupo 3: Oxítona – paroxítona	339 / 34%	657/ 66%	996 / 100%
EXPRESSÃO DO SUJEITO	Expresso	329 / 20%	1322/ 80%	1651/ 100%
	Não expresso	147/ 36%	264/ 64%	411/ 100%
SEXO/GÊNERO DO FALANTE	Feminino	202 / 20%	782/ 80%	984 / 100%
	Masculino	274 / 25%	804/ = 75%	1078 / 100%

Fonte: Mattos (2013).

De acordo com o quadro acima, Mattos (2013) indica que, na análise estatística para a alternância entre *nós* e *a gente* na fala goiana, centrada na variável *a gente*, 3 variáveis linguísticas foram apontadas como estatisticamente relevantes: tempo verbal, ritmo e expressão do sujeito. E das variáveis sociais também foram 3: faixa etária, nível de escolarização e sexo/gênero do falante.

A autora explica que nas variáveis linguísticas, em relação ao tempo verbal, os tempos pretérito imperfeito (88%) e o presente (85%) favorecem o uso de “*a gente*”. Na variável ritmo, o grupo 2 (87%) e grupo 1 (88%) favorecem o uso de “*a gente*”. Para a terceira variável, a expressão do sujeito, o sujeito expresso favorece (80%) o uso do *a gente*.

Mattos (2013) demonstra que nas variáveis de cunho social, a variável faixa etária, indica que os mais jovens (16 a 24 anos) favorecem (87%). Para a variável nível de escolarização, os falantes com 10-11 anos de estudos formais favorecem a variante inovadora (087%); Para sexo/gênero do falante, as mulheres (80%) e os homens favorecem o uso do *a gente* (75%).

4.3 Estudo de Mendonça (2012)

Mendonça (2012) realizou a pesquisa da alternância *nós/a gente* na fala dos moradores de Vitória (Espírito Santo). O autor utilizou 40 entrevistas disponibilizadas pelo projeto Português Falado em Vitória (PortVix) desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Das 40 entrevistas foram obtidos 1745 dados, e o autor utilizou como grupo de fatores sociais os fatores: idade (07-14, 15-25, 26-49 e 50 ou +), sexo/gênero e grau de escolaridade dos informantes, dentre os fatores linguísticos: paralelismo formal; variante explícita ou

implícita; referencialidade das formas *nós* e *a gente* ((i) a gente em referência ao próprio falante; ou seja: ao eu; (ii) a gente em referência a eu + ele (não pessoa); (iii) a gente em referência indeterminada ou genérica); posição sintática, tempo e modos verbais.

Quadro 5 – Resultados de Mendonça (2012)

	FATORES	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
		Nº de ocorr/perc	Nº de ocorr/perc	Total / ocorrências
FAIXA ETÁRIA	07 a 14 anos	46 / 14,6%	269 / 85,4%	315 / 100%
	15 a 25 anos	87 / 16,1%	454 / 83,9%	541 / 100%
	26 a 49 anos	172 / 41,3%	244 / 58,7%	416 / 100%
	50 ou + anos	204 / 43,1%	269 / 56,9%	473 / 100%
SEXO	MASCULINO	302 / 43,1%	398 / 56,9%	700 / 100%
	FEMININO	207 / 19,8%	838 / 80,2%	1045 / 100%
PARALELISMO	Isolado	95 / 19,2%	230 / 70,8%	325 / 100%
	1o da série	111 / 30,3%	255 / 69,7%	366 / 100%
	Não 1o da série precedido de nós explícito	105 / 68,6%	48 / 31,4%	153 / 100%
	Não 1o da série precedido de nós implícito	102 / 73,4%	37 / 26,6%	139 / 100%
	Não 1o da série precedido de a gente explícito	78 / 11,9%	576 / 88,1%	654 / 100%
	Não 1o da série precedido de a gente implícito	4 / 5,3%	72 / 94,7%	76 / 100%

	Não 1o da série precedido de nós zero	9 / 52,9%	8 / 47,1%	17 / 100%
	Não 1o da série precedido de a gente + -mos	5 / 33,3%	10 / 66,7%	15 / 100%
FORMA IMPLÍCITA E EXPLÍCITA	EXPLÍCITO	286 / 20,3%	1125 / 79,7%	1411 / 100%
	IMPLÍCITO	223 / 66,8%	111 / 33,2%	334 / 100%
TIPO DE REFERÊNCIA	EU	56 / 19%	239 / 81,0%	295 / 100%
	EU+VOCÊ	3 / 27,3%	8 / 72,7%	11 / 100%
	EU+VOCÊ+NÃO PESSOA	1 / 14,3%	6 / 85,7%	7 / 100%
	EU+ELE	342 / 32%	726 / 68,0%	1068 / 100%
	GENÉRICA	104 / 29,1%	253 / 70,9%	357 / 100%
	ELE (A)	3 / 42,9%	4 / 57,1%	7 / 100%
	SUJEITO	499 / 30,4%	1.143 / 69,6%	1.642 / 100%
POSIÇÃO SINTÁTICA	OBJETO DIRETO	2 / 4,3%	44 / 95,7%	46 / 100%
	OBJETO INDIRETO	28 / 14%	49 / 86,0%	77 / 100%

TEMPO VERBAL	PRESENTE	265 / 24,7%	809 / 75,3%	1.074 / 100%
	PRETÉRITO PERFEITO	189 / 54,3%	159 / 45,7%	348 / 100%
	PRETÉRITO IMPERFEITO	44 / 15,8%	235 / 84,2%	279 / 100%
	FUTURO	11 / 25%	33 / 75%	44 / 100%

Fonte: Mendonça (2012).

Após rodadas no programa Goldvarb X, o autor indica entre os resultados, conforme o quadro acima, que as faixas etárias mais jovens e as mulheres favorecem o uso da forma inovadora (a gente). O que nos chama a atenção dentre os fatores sociais é o fato de que a forma inovadora seja favorecida pelos falantes com escolaridade mais alta (ensino superior), o que obviamente deve estar correlacionado à variante não ser estigmatizada.

A primeira variável linguística selecionada pelo Goldvar X foi a de paralelismo formal, em que das 1.745 ocorrências, 1.236 foram da forma a gente. De acordo com o programa, o fator referência isolada apresenta um peso relativo que desfavorece a forma a gente em 0,38. O autor afirma que conforme os dados apresentados na tabela, nas ocorrências iniciadas por *nós*, a sequência seguinte favorecia a manutenção deste pronome, evidenciando, assim, o paralelismo formal das formas estruturadas com o pronome *nós*. O mesmo ocorre com a gente quando não é a primeira da série precedida de a gente explícito: de 654 ocorrências, com peso relativo de 0,71. Igualmente em ocorrências as quais não são a primeira da série precedidas de a gente implícito, das 76 ocorrências, com peso relativo da forma a gente em 0,96.

A segunda variável selecionada pelo programa foram as formas implícita e explícita em que, das 1.745 ocorrências da variável dependente, 1411 foram de formas explícitas, e desses 1411, 1125 foram da forma a gente, equivalente a 79,7% do total de formas explícitas. Das 334 formas implícitas, 111 foram relativas ao pronome a gente, equivalente a 33,2% do uso das formas implícitas. Desse modo, a utilização da forma “a gente” de forma explícita é favorecida com 0,62 de peso relativo, porém a forma implícita desfavorece com 0,10 de peso relativo.

No fator referencialidade do informante, o autor apresenta que talvez pelo modelo de obtenção dos dados, ou seja, a entrevista, a referência a eu + você favorece o uso da forma “a gente” em 0,61 de peso relativo, embora tenha um índice pequeno de ocorrências. A referência determinada favorece a forma “a gente” com 0,70 de peso relativo. A referência eu+você+não pessoa também apresenta um índice muito baixo de ocorrências, porém, com 0,85 de peso relativo, favorece a forma “a gente”. Quanto à referência eu+ele, desfavorece a forma “a gente”, embora o número de ocorrências seja bastante significativo. A referência genérica apresenta peso relativo de 0,54, o que significa que tanto *nós* quanto *a gente* possuem referência genérica. E por fim, a forma “a gente”, que apresenta um baixíssimo número de ocorrências, é desfavorecido quanto à referência a não pessoa.

Em relação à posição sintática, a pesquisa revela que há uma disputa em relação à posição de sujeito, com peso relativo desfavorecendo o uso de a gente em 0,47 e favorecendo o uso de *nós* em 0,53. Já quanto à função de complemento verbal sem preposição, a forma “a gente” é favorecida em 0,88 de peso relativo e, com preposição, em 0,76, o que o autor acredita significar que a forma a gente não está apenas migrando em funções morfológicas, mas também no campo sintático da oração.

No fator tempo verbal, o favorecimento da forma “a gente” pelos tempos presente (809 ocorrências de um total de 1.074 e o peso relativo de 0,54) e o pretérito imperfeito (235 de 279 ocorrências com peso relativo 0,64). O tempo futuro, também favorece a forma “a gente”, com peso relativo de 0,55, porém é desfavorecido pelo pretérito perfeito, com peso relativo de 0,26.

Desse modo, Mendonça (2012) conclui que após a análise e apresentação dos dados, o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, em Vitória, pode ser caracterizado como um processo de mudança em progresso.

4.4 Estudo de Franceschini (2011)

Franceschini (2011) pesquisou sobre a variação pronominal em Concórdia, localizado no oeste do estado de Santa Catarina e foi colonizada por descendentes de imigrantes italianos e alemães provenientes na sua grande maioria do Rio Grande do Sul.

A autora utilizou o modelo de análise da Sociolinguística Quantitativa em um corpus constituído de uma amostra de 24 entrevistas (diálogo entre informante e entrevistador), realizadas entre 2007 e início de 2010. Os informantes da amostra foram selecionados seguindo os seguintes critérios: nascidos em área urbana ou que nasceram em zona urbana contanto que morassem na área urbana desde criança, ou há um tempo relativamente longo, que não tenham

residido mais do que 2 anos em outra cidade e que tenham feito os estudos na cidade de Concórdia. Franceschini (2011) cita que entre os informantes há uma característica em comum, todos são filhos ou netos de agricultores, a grande maioria oriunda do Rio Grande do Sul, e que o nível de escolaridade dos pais dos entrevistados, todos cursaram no máximo até o 4º ano primário (ensino fundamental I). Assim, ao todo 24 informantes foram selecionados, distribuídos por três graus de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio), duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e sexo (masculino e feminino). As entrevistas com os informantes foram realizadas pela própria autora, nas quais os informantes falavam sobre temas relacionados ao trabalho, lazer, família, saúde, acontecimentos do dia a dia, entre outros, para se obter um diálogo informal com os entrevistados.

A metodologia da autora seguiu as seguintes etapas: seleção dos informantes, gravação das entrevistas, transcrição e codificação dos dados, análise preliminar seguido de rodadas no Varbrul para a comprovação de hipóteses iniciais e posteriores. Dentre os grupos de fatores linguísticos, a autora selecionou as seguintes: 1. Determinação do referente; 2. Tipo de discurso (a- Discurso reportado de terceiros; b- Discurso reportado do próprio entrevistado; c- Discurso direto; d- Discurso para o entrevistador e e- Discurso para o interveniente); 3. Tipo de verbo (dicendi, epistêmico, estado); 4. Tipo de texto; 5. Tipo de ocorrência (ocorrências isoladas, paralelismo binário e ternário/eneário); 6. Tempo verbal; 7. Concordância verbal; 8. Tonicidade (M - monossílabo tônico; O - oxítono; P - paroxítono; R – proparoxítono) e; 9. Saliência fônica (6 níveis). Entre os fatores sociais, a autora utilizou as seguintes: 1. Faixa etária, 2. Sexo e 3. Escolaridade.

Franceschini (2011) ainda apresenta alguns tipos de dados encontrados na pesquisa que não utilizou para a análise: a) pronomes *nós/a gente* não acompanhados de forma verbal; b) pronomes *nós/a gente* expressos em orações coordenadas; c) pronomes *nós/a gente* que não desempenhavam a função de sujeito; e d) pronomes implícitos *nós* e desinência verbal –mos em expressões cristalizadas. Ela cita que utilizou os programas VARBRUL e CROSSTAB para as rodadas dos dados.

Na análise geral a autora obteve 1.553 ocorrências, entre formas explícitas e implícitas, foram encontrados 783 casos de “a gente” e 770 de *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes. A autora cita que levando em consideração somente as formas explícitas, o total passa a ser de 1.196 ocorrências, em que 702 (59%) é de “a gente” e 494 (41%) de *nós*, comenta ainda que esse resultado parece indicar que o uso do pronome inovador a gente já começa a ultrapassar o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural em Concórdia. Em relação ao preenchimento ou não do sujeito, a

autora observou na amostra que o pronome *a gente* apresenta 10% de não-preenchimento do sujeito, e o *nós*, cuja desinência verbal é marcada, apresenta uma maior percentagem de pronome implícito (36%).

Entre os resultados, Franceschini (2011) destaca que foi necessário realizar inúmeras rodadas no programa estatístico VARBRUL antes de se chegar à rodada final. Dentre os grupos de fatores mencionados acima, o programa selecionou os seguintes fatores: 1. Tonicidade; 2. Saliência fônica; 3. Determinação do referente; 4. Faixa etária; 5. Tipo de texto; 6. Tipo de discurso e; 7. Tipo de verbo. Porém, após análise das variáveis independentes selecionadas, a tonicidade, por não se mostrar linguisticamente significativa, e a concordância verbal, por apresentar nocaute, foram excluídas da análise. Foram constatados uma sobreposição dos fatores saliência fônica e tempo verbal, assim, a autora efetuou diversas rodadas e em algumas com a ausência de uma das duas, ao final a autora optou por manter somente o tempo verbal.

Quadro 6 – Resultados de Franceschini (2011)

	FATORES	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
		Nº de ocorr/perc	Nº de ocorr/perc	Total / ocorrências
DETERMINAÇÃO DO REFERENTE	INDETERMINADO	28 / 14%	174 / 86%	202 / 100%
	DETERMINADO	742 / 55%	609 / 45%	1.351 / 100%
TEMPO VERBAL	INFINITIVO	11 / 31%	24 / 69%	35 / 100%
	PRESENTE IND.	381 / 43%	515 / 57%	896 / 100%
	PRET. IMPERF. IND.	105 / 45%	130 / 55%	235 / 100%
	PRET. PERF. IND.	271 / 73%	98 / 27%	369 / 100%

TIPO DE DISCURSO	DIRETO	749 / 49%	780 / 51%	1.529 / 100%
	RELATADO DE TERCEIROS	19 / 86%	3 / 14%	22 / 100%
TIPO DE VERBO	DICENDI	22 / 22%	78 / 78%	100 / 100%
	EPISTÊMICO	27 / 25%	83 / 75%	110 / 100%
	AÇÃO	521 / 52%	481 / 48%	1.002 / 100%
	ESTADO	200 / 59%	141 / 41%	341 / 100%
TIPO DE TEXTO	DISSERTATIVO	132 / 35%	241 / 65%	373 / 100%
	NARRATIVO	461 / 53%	406 / 47%	867 / 100%
	DESCRITIVO	173 / 56%	135 / 44%	308 / 100%
FAIXA ETÁRIA	26 a 45 anos	359 / 45%	446 / 55%	805 / 100%
	50 anos ou mais	411 / 55%	337 / 45%	748 / 100%
ESCOLARIDADE	FUNDAMENTAL I	212 / 46%	248 / 54%	460 / 100%
	FUNDAMENTAL II	216 / 47%	247 / 53%	463 / 100%

	ENSINO MÉDIO	342 / 54%	288 / 46%	630 / 100%
TIPO DE OCORRÊNCIA	FORMAS IGUAIS	299 / 47%	337 / 53%	636 / 100%
	FORMAS DIFERENTES	125 / 50%	125 / 50%	250 / 100%
	ISOLADAS	346 / 52%	321 / 48%	667 / 100%

Fonte: Franceschini (2011).

Conforme o quadro acima, a autora aponta que a variante inovadora apresenta maior probabilidade de uso com o infinitivo (69%), o presente (57%) e o pretérito imperfeito do indicativo (55%). Em lado oposto, apresentando uma elevada probabilidade de aplicação do pronome *nós* (73%), o pretérito perfeito desfavorece o *a gente*. Em relação à variável determinação do referente, a variante inovadora é bem mais elevada em contextos de indeterminação (86%), em contexto de determinação, o pronome *nós* foi favorecido (55%), embora *a gente* já apresente um uso bastante significativo (45%).

A terceira variável selecionada pelo programa, conforme a autora, apresenta o tipo de discurso direto apresentando um resultado próximo do ponto neutro (51%), indicando praticamente a mesma probabilidade de uso para *a gente* e *nós*. Franceschini (2011) aponta que apesar do reduzido número de dados existentes no discurso reportado de terceiros, o uso da variante conservadora predominou (86%), já o discurso reportado do próprio falante apresentou somente duas ocorrências com *nós* (nocaute). Na quarta variável, os tipos de verbos dicendi e epistêmicos favorecem o uso de *a gente* (78% e 75%, respectivamente) e os verbos de estado favorecem o uso de *nós* (59%). Já os verbos de ação apresentam a mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (48%).

Na variável tipos de texto, a autora observou que houve um leve predomínio do pronome *a gente* nos textos dos tipos dissertativos e narrativos (65% e 47%), já o pronome *nós* apresenta uma maior probabilidade de uso nos textos de tipo descritivos (56%). No último grupo de fatores linguísticos, a autora explica que houve paralelismos amalgamados em pronomes paralelos iguais e pronomes paralelos diferentes. Assim, os resultados obtidos apontam para um

leve favorecimento de “a gente” (53%), tanto nas sequências com pronomes paralelos iguais, quanto naquelas com pronomes paralelos diferentes. Já nas ocorrências isoladas nota-se um maior uso da variante conservadora (52%).

Nos grupos de natureza social, nota-se que os falantes mais jovens favorecem o uso do pronome inovador (55%) na mesma proporção em que os mais velhos favorecem a manutenção do pronome conservador (55%). Na variável faixa etária a autora expõe que, embora não muito significativo, o uso do pronome “a gente” é favorecido pelos falantes com menor nível de escolaridade: nível fundamental I (54%) e fundamental II (53%); já os falantes com ensino médio apresentam uma maior probabilidade de aplicação de *nós* (54%).

Desse modo, a autora cita que os resultados gerais revelam uma mudança em tempo aparente, e que o fator determinação do referente confirma a tendência geral observada em outros estudos de que o contexto de indeterminação favorece a forma inovadora (a gente) e a determinação favorece o pronome conservador (*nós*).

4.5 Estudo de Vianna (2016)

Diferentemente do Brasil, os estudos de cunho sociolinguístico ainda não são tão expansivos em Portugal, e nessa perspectiva, estudos sobre a AP entre o *nós* e *a gente* ainda são recentes por lá. Nesse viés, selecionamos o estudo de Juliana Barbosa de Segadas Vianna realizado no ano de 2016.

Para o trabalho, a autora utilizou amostras de fala organizadas pelo Projeto bilateral “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias”, que foi organizado seguindo o arcabouço metodológico da Sociolinguística laboviana. Tais corpora incluem entrevistas coletadas em dois pontos na Grande Lisboa (Oeiras e Cacém) e, posteriormente, novos inquéritos foram realizados na cidade do Funchal (capital da Madeira) e passaram a fazer parte da base de dados do Projeto, como sendo representativos da porção insular da nação portuguesa.

Vianna (2016), baseada em estudos realizados em distintas cidades e regiões do Brasil elencou, em ordem de importância segundo a autora, os seguintes grupos de fatores para a sua análise: Linguísticos (i) o paralelismo formal e discursivo; (ii) traço semântico de [+indeterminação] do referente; (iii) tempo verbal; e (iv) saliência fônica) e nos fatores sociais ((v) faixa etária, (vi) gênero/sexo; (vii) escolaridade; e (viii) localidade). Dentre os grupos de fatores linguísticos controlados, três foram apontados como relevantes na AP no Português Europeu (PE), na seguinte ordem: (1º) pessoa verbal; (2º) preenchimento do pronome sujeito;

e (3º) paralelismo formal e semântico. Entre os fatores sociais, quatro destacaram-se como influentes na alternância das formas de 1ª pessoa do plural, a saber: (4º) localidade; (5º) escolaridade; (6º) gênero; e (7º) faixa etária.

Quadro 7 – Os resultados de Vianna (2016)

	FATORES	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
		Nº de ocorr/perc	Nº de ocorr/perc	Total / ocorrências
PESSO A VERBAL	P3	2 / 1%	292 / 99%	294 / 100%
	P4	1.656 / 97%	63 / 3%	1.719 / 100%
EXPRESSÃO DO SUJEITO	PLENO	353 / 52%	327 / 48%	680 / 100%
	NULO	1.306 / 98%	33 / 2%	1339 / 100%
PARALELISMO FORMAL	REALIZAÇÃO ISOLADA	149 / 78%	43 / 22%	192 / 100%
	PRIMEIRO DA SÉRIE	267 / 77%	80 / 23%	347 / 100%
	ANTECEDIDO POR A GENTE	79 / 33%	165 / 67%	244 / 100%
	ANTECEDIDO POR NÓS	1.162 / 95%	68 / 5%	1.230 / 100%
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	LISBOA/OEI-RAS	719 / 92%	68 / 8%	787 / 100%
	CACÉM	539 / 79%	152 / 21%	691 / 100%
	FUNCHAL	401 / 75%	140 / 25%	541 / 100%

ESCOLARIDADE	NÍVEL BÁSICO	623 / 71%	259 / 29%	882 / 100%
	NÍVEL SECUNDÁRIO	484 / 89%	62 / 11%	546 / 100%
	NÍVEL SUPERIOR	552 / 94%	39 / 6%	591 / 100%
GÊNERO	FEMININO	667 / 74%	241 / 26%	908 / 100%
	MASCULINO	992 / 90%	119 / 10%	1111 / 100%
FAIXA ETÁRIA	Faixa 1 (de 18 a 35 anos)	480 / 89%	63 / 11%	543 / 100%
	Faixa 2 (de 35 a 55 anos)	737 / 84%	149 / 16%	886 / 100%
	Faixa 3 (56 anos ou mais)	442 / 75%	148 / 25%	590 / 100%

Fonte: Vianna (2016).

O primeiro grupo de fatores selecionado foi a concordância verbal estabelecida com as formas *nós* e *a gente*. De acordo com os dados da pesquisa, a autora observou duas possibilidades de concordância com cada uma das formas de referência à primeira pessoa plural, a saber: (i) com verbos na 3ª pessoa do singular (daqui por diante 3PS), identificados pela desinência número-pessoal \emptyset , ou (ii) com formas verbais na 1ª pessoa do plural (doravante 1ªPP), que são aquelas que possuem como desinência número-pessoal a marca -mos. A autora identificou que foi preferencial o uso de “a gente” com verbo na 3PS (99%), havendo apenas 1% de ocorrências com verbos na 1ªPP. Com relação à concordância de *nós* com formas verbais em P3, só foram localizados dois exemplos desse tipo de estrutura, demonstrando que tal combinação é bastante improvável no PE. Além disso, quando se observam os dados com mais atenção, é possível perceber que a concordância com verbos na 3ª pessoa do singular foi, possivelmente, motivada pelas construções escolhidas pelos falantes. No caso do PE, ainda que

não haja a tendência de empobrecimento da morfologia verbal como se verifica no Português Brasileiro (PB), é possível postular a tendência de harmonização de traços entre o verbo e o seu sujeito. A autora cita que a marca de pessoa \emptyset é praticamente categórica com “a gente”, quase não ocorrendo com o pronome padrão.

A expressão do sujeito foi o segundo grupo de fatores selecionado, ela pode ser pleno/preenchido ou nulo/não-preenchido. Foram encontradas quatro possibilidades de ocorrência das formas *nós* e *a gente* (Nós expresso / Nós não-expresso / A gente expresso / A gente não-expresso). No corpus foram localizados 327 dados de *a gente*, em 680 ocorrências totais de formas explícitas na referência à 1ª pessoa do plural, isto é, 48% do total. Essa produtividade pode ser considerada extremamente alta, principalmente se tiver em conta que, nas amostras do PE, a produtividade geral da forma inovadora é bem reduzida (18%), frente ao uso padrão (82%). Em contrapartida, o uso da forma *a gente* não expressa é bastante reduzido, foram localizados apenas 33 dados da forma gramaticalizada, em 1.339 dados totais de referência implícita às formas de 1ª pessoa do plural: somente 2%. Vianna (2016) aponta que tais resultados confirmam o comportamento esperado no PE, demonstrando que o “a gente” pronominal tem grande probabilidade de ocorrer pleno, ao passo que a realização nula desfavorece o seu aparecimento. A realização nula favorece o emprego de *nós*.

O paralelismo formal e semântico foi o último fator linguístico selecionado pelo Programa Goldvarb 2000, a autora verificou que, quando o pronome é a primeira escolha de uma série discursiva em que há retomadas da referência à 1ª pessoa do plural, localizaram-se 80 dados de *a gente* em 347 ocorrências totais dessa posição, ou seja, 23% de produtividade. Em casos de uso isolado das formas de 1ª pessoa plural, por sua vez, foram localizados 43 dados de “a gente” em 192 ocorrências totais, com percentual de 23%. Quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural está antecedida por *a gente*, há uma probabilidade muito alta de que o falante utilize o mesmo pronome e opte pela forma gramaticalizada nessa posição. Foram localizados 165 dados de “a gente” em 244 ocorrências totais. De maneira oposta, quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural é antecedida pelo uso do pronome padrão, é pouquíssimo provável que se opte pelo uso da forma inovadora. Nessa situação, apenas foram localizados 68 dados de *a gente*, em um total de 1.230 ocorrências, ou seja, demonstrando que tal ambiente favorece sobremaneira o emprego da forma *nós*.

Todos os fatores sociais foram considerados como relevantes na AP no PE, entre eles, o primeiro que se destacou foi a localização geográfica dentro do território português. Nesse sentido, efetuaram-se três distinções de acordo com a região do território português representada em cada amostra: Oeiras, Cacém e Funchal. As freguesias de Oeiras e do Cacém

são ambas pertencentes ao Distrito de Lisboa, sendo que a primeira é praticamente uma continuação da capital devido à sua proximidade, e a segunda localiza-se no entorno desse complexo, ainda que também seja pertencente à Grande Lisboa. Uma vez que as duas regiões estão situadas no continente, considerou-se que as amostras eram relativas ao PE continental, ainda que haja subdivisões. A cidade do Funchal, por sua vez, é capital da Região Autónoma da Madeira e se localiza na ilha principal: a Ilha da Madeira. Todo esse arquipélago português situa-se no Oceano Atlântico, a oeste da Costa Africana, estando na mesma latitude do Marrocos. Dessa forma, tal região encontra-se mais distante de Lisboa (980 km) do que de outras regiões na qual se falam, inclusive, diferentes línguas. Em Oeiras, aparentemente a localidade mais conservadora, foram localizadas apenas 68 ocorrências de “a gente” em 787 dados, isto é, só 8% do total de dados. O uso de *nós* é absolutamente majoritário nessa área do Distrito de Lisboa, refletindo provavelmente os usos da capital, com 92% das ocorrências da forma padrão. Na freguesia do Cacém, por sua vez, ainda que esteja inserido no Distrito de Lisboa, o comportamento é divergente. Tal localidade se mostrou bem menos conservadora do que a vizinha distante Oeiras, com um uso mais significativo da forma inovadora. Localizaram-se 152 dados de “a gente” em 691 ocorrências da 1ª pessoa do plural em posição de sujeito: 21%. Por fim, a cidade do Funchal mostrou-se a mais inovadora das três localidades, com 25% de produtividade de “a gente” na função de sujeito. Para tal amostra, em 541 dados totais, foram aferidas 140 ocorrências da forma inovadora. Em outras palavras, significa dizer que a cidade do Funchal favorece a implementação da forma inovadora, em substituição à forma mais antiga. Outro fator selecionado foi o da escolaridade, do qual foram controlados três níveis de escolarização: (i) Nível Básico; (ii) Nível Secundário; e (iii) Nível Superior. De acordo com a autora, no nível mais baixo de escolaridade (nível básico), foram localizados 259 dados de “a gente” em 882 ocorrências, ou seja, 29% do total. No nível de escolarização intermediário (nível secundário), por sua vez, esse percentual sofre uma considerável redução para 11% apenas, foram localizados somente 62 dados da forma inovadora, em um universo de 546 ocorrências. Nesse nível, a probabilidade de uso de “a gente” diminui consideravelmente, sinalizando a preferência pelo pronome padrão em detrimento da forma mais nova. No nível mais alto de escolarização (nível superior), no entanto, o percentual de uso de “a gente” chega ao menor índice verificado, passando a escassos 6%. Em um total de 591 ocorrências, somente foram localizados 39 dados da forma.

O terceiro fator social foi o gênero. De acordo com os resultados, o uso de “a gente” é mais provável no gênero feminino, foram localizados 241 dados da forma inovadora, em 908 ocorrências produzidas pelas mulheres, isto é, 26% do total. Diferentemente, o uso da forma

inovadora não é favorecido pelo gênero masculino. Entre os homens, de 1.111 ocorrências produzidas, apenas 119 são da forma inovadora, ou seja, somente 10% do total.

O último fator selecionado foi a variável faixa etária. Foram controladas três faixas etárias: (i) de 18 a 35 anos, amostra considerada relativa ao grupo dos jovens; (ii) de 36 a 55 anos, referente ao grupo dos adultos; e (iii) de 56 anos em diante, referente ao grupo de pessoas com idade mais avançada. A autora observa que os dados do PE, vistos globalmente, não sinalizam mudança na comunidade, no sentido de uma crescente implementação da forma gramaticalizada. Muito ao contrário, o que os dados parecem indicar é a progressiva redução no uso da forma inovadora, quando se têm em vista as faixas etárias. Entre os jovens e os adultos, a produtividade registrada de a gente foi bastante semelhante. No primeiro grupo, foram localizados apenas 63 dados, em 543 ocorrências: 11% do total. No segundo, localizaram-se somente 149 dados, em 886 ocorrências totais: obtendo 16%. Por sua vez, entre os indivíduos mais velhos (aqueles com idades acima de 56 anos), foram encontrados 148 dados de “a gente”, em 590 ocorrências da referência à 1ª pessoa do plural, obtendo-se a maior frequência de uso: 25%.

Entre os resultados, Vianna (2016) aponta que entre os portugueses que compõem a amostra, é a forma padrão *nós* que se destaca como a mais produtiva na indicação da primeira pessoa do plural, de maneira inversamente proporcional ao que se observa no PB, tendo em vista os inúmeros trabalhos produzidos nos últimos 25 anos. A falta de concordância inibe a variação das formas no PE, à semelhança do que ocorre no PB: são raros os casos em que a gente se combina com formas verbais na 1ªPP. Todavia, a associação do traço semântico [+EU] intrínseco à forma gramaticalizada e o traço formal [+eu], presente nas formas verbais de 1ªPP, aparentemente caracteriza mais o comportamento da variedade europeia da língua do que da variedade brasileira. As motivações para esse comportamento parecem relacionadas ao papel que o verbo desempenha no PE, sendo o principal responsável pela indicação da pessoa gramatical

A autora observa que, de maneira semelhante ao que se observa no PB, a expressão explícita do sujeito tem maior probabilidade de ocorrer com o a gente, ao passo que o apagamento é mais provável com o pronome padrão. O paralelismo formal impulsiona o uso de “a gente” no PE como no PB: o que mais favorece o emprego de “a gente” é o uso deste na oração anterior. Tendo em vista os fatores sociais, é possível estabelecer um paralelo entre o uso de “a gente” e a composição sociocultural e econômica das cidades/localidades portuguesas: regiões em que há maior circulação de pessoas, seja em função do turismo por curtos espaços de tempo, seja em função de fluxos migratórios tendem a impulsionar o uso

inovador, ao passo que as comunidades mais fechadas, nas quais se observa maior rigidez nas relações interpessoais, favorecem a conservação da forma mais antiga.

Por fim, Vianna (2016) ressalta que outro resultado interessante refere-se ao fator escolaridade e difere do que a pesquisa empírica aponta em relação à variedade brasileira. No PE, o uso de “a gente” é mais provável entre indivíduos de menor escolaridade, havendo maior ou menor queda de produtividade nos níveis subsequentes. Aparentemente, há estigma com relação à forma inovadora no PE. Também é mais provável o uso de “a gente” entre as mulheres. Assim sendo, tal grupo assume o papel de liderança na implementação da forma inovadora. Com relação às faixas etárias, por sua vez, o comportamento de “a gente” é completamente diferente na variedade europeia. No PE, o comportamento da comunidade não sugere mudança.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa e quantitativa. Enquanto uma pesquisa qualitativa, segundo Apollinário (2004, p. 151, *apud* MENEZES *et al.*, 2019, p. 151) “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados”, que envolve tanto a compreensão quanto a interpretação do fenômeno. A pesquisa quantitativa, segundo Zanella (2006, p. 97) “preocupa-se com representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados”. Ainda, conforme Zanella (2006, p. 96) “as pesquisas quantitativas utilizam uma amostra representativa da população para mensurar qualidades”.

Desse modo, pela quantidade de dados encontrados, optamos por realizar uma análise baseada nos números de ocorrências, ou seja, com base na frequência de uso. Contudo, mesmo que não utilizemos programas estatísticos como GoldVarb X entre outros para efetuar rodadas binárias com a finalidade de se obter os pesos relativos, apresentaremos os dados percentuais das variantes para que seja possível realizar uma melhor análise embasada teoricamente.

5.1.1 O Projeto PROFALA

O corpus, que está em construção pelo grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), é constituído com dados de fala do Português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste. De acordo com Santos, Viana e Araújo (2021, p. 46), entre os objetivos do projeto com a criação do corpus, está o de analisar a situação linguística do Português nos PALOP e Timor-Leste, referente às funções sociais desempenhadas pelo Português em cada um desses países e às políticas linguísticas de difusão da língua. Bem como, investigar a influência das línguas nativas no Português que é falado por cabo-verdianos, angolanos, bissau guineenses, moçambicanos, tomenses e timorenses. Destacamos também o objetivo de discutir a atitude dos falantes dos PALOP e do Timor-Leste frente à língua portuguesa, notadamente quanto à construção das representações dessa língua, como língua materna e não materna, língua oficial e língua nacional. O projeto considera a preservação das diferenças por trás da ideologia da “língua única”, ou seja, a consideração da Língua Portuguesa e suas variedades.

O projeto espera obter como resultado o de oferecer subsídios para a discussão de uma política linguística para a difusão e o ensino da língua portuguesa em todos os níveis, para a elaboração de textos didáticos, paradidáticos e de material de apoio à formação de professores, com base na realidade dos alunos da pré-escola, da educação básica e superior, bem como possibilitará a assessoria a órgãos de comunicação de massa e de criação de tecnologias de análise e processamento de fala.

Conforme Santos, Viana e Araújo (2021, p. 47), os dados foram obtidos através da realização de entrevistas com estudantes africanos e timorenses, o questionário utilizado para as entrevistas foi adaptado do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Além do local, o corpus traz a informação sobre o tempo de permanência no Brasil e sobre o gênero dos informantes. Tanto o áudio das entrevistas como as transcrições estão sendo disponibilizadas no site do grupo PROFALA.

As transcrições disponibilizadas pelo PROFALA incluem outras seções que inclui: Questionário fonético-fonológico (FF), Questões de prosódia, Questionário Semântico-Lexical, Questionário Morfossintático (QMS), Temas para discursos semi dirigidos, Questões Pragmática e o Questionário Metalinguístico.

5.1.2 Procedimento de coleta e análise dos dados

A codificação dos dados presentes no corpus, tanto dos áudios quanto das transcrições foi formatada da seguinte forma: Países (AN: Angola; CV: Cabo Verde; MO: Moçambique; GB: Guiné-Bissau; ST: São Tomé e Príncipe; TL: Timor-Leste); Tempo de Estadia (0: Menos de seis meses; 6: Mais de seis meses) e Sexo/Gênero (H: Homem; M: Mulher). Na entrevista constará a codificação seguido da numeração referente à entrevista, ex.: “AN0H_18: Homem angolano com menos de seis meses no Brasil. Referente à entrevista 18”.

Extraímos, do corpus disponibilizado pelo PROFALA, o total de 99 arquivos das entrevistas referente aos informantes que serão utilizados nesta pesquisa (dos países africanos) pois, como informado anteriormente, não trabalharemos com informantes nativos de Portugal ou Timor-Leste, a qual o corpus também possui transcrições.

Assim, obtivemos das entrevistas referentes a cada país (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) transcrições disponibilizadas no próprio site do PROFALA e realizamos a transcrição de alguns arquivos na busca pelo fenômeno estudado neste trabalho, já que se trata de um corpus em construção. Desse modo, o quadro seguinte apresenta a quantidade de transcrições disponibilizadas e as realizadas:

Quadro 08 – Informações do corpus

PAÍS	TRANSCRIÇÕES DISPONIBILIZADAS	TRANSCRIÇÕES REALIZADAS PELO AUTOR
ANGOLA	14	06
CABO VERDE	20	0
GUINÉ-BISSAU	19	1
MOÇAMBIQUE	04	15
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	18	02

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como informado anteriormente, as transcrições do Corpus do PROFALA incluem algumas seções, mas optamos por utilizar a seção intitulada “Questionário Metalinguístico”. A escolha pela seção do questionário metalinguístico se justifica porque se trata de uma parte da entrevista em que o informante responde a questões abertas de forma mais subjetiva, então nesse contexto ele se expressa mais informalmente e usa a língua de forma mais descontraída, e a língua utilizada de forma vernacular, ou seja, aquela utilizada no dia a dia, em contextos informais é a que precisamos em pesquisas de cunho sociolinguístico.

5.2 Grupos de Fatores

Após análise realizadas em outros estudos, selecionamos grupos de fatores de natureza formal, funcional e social para a análise do presente estudo:

Grupo de fatores de natureza social:

- A. País de Origem;
- B. Sexo;
- C. Tempo de permanência no Brasil.

O fator idade, bastante recorrente em estudos de cunho sociolinguístico e, também, indicador importante para a avaliação da possibilidade de que a variação possa ser indicativo de mudança em tempo aparente, não será analisado em nossa pesquisa pois o corpus que utilizaremos não apresenta informações acerca da idade. Supomos que a causa de o corpus não trazer essa informação se deva ao fato de que os informantes selecionados para a pesquisa sejam alunos universitários de ambas as instituições, assim, nossa suposição é de que a faixa etária destes discentes seja entre 18 e 25 anos. Desse modo, como não há informantes de diferentes idades, não é possível analisar sobre uma mudança em tempo aparente, sendo possível somente analisar a variação sincronicamente.

Grupo de fatores linguísticos de natureza formal e funcional:

- D. Preenchimento do sujeito
- E. Saliência Fônica Verbal
- F. Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo
- G. Grau de Determinação do Referente Sujeito

Acresce-se que a codificação dos dados presentes após os exemplos, tanto dos utilizados na metodologia, quanto dos utilizados na análise, foi formatada da seguinte forma: País (AN: Angola; CV: Cabo Verde; MO: Moçambique; GB: Guiné-Bissau; ST: São Tomé e Príncipe); Tempo de Estadia (0: Menos de seis meses; 6: Mais de seis meses) e Sexo/Gênero (H: Homem; M: Mulher). Nos exemplos constará a codificação seguido da numeração referente à entrevista, ex.: “AN0H_18: Homem angolano com menos de seis meses no Brasil. Referente à entrevista 18”.

A seguir, apresentaremos cada fator dentre os grupos de fatores utilizando de pesquisas para a apresentação e explicação de cada um, seguindo a mesma ordem (sociais, formais e funcionais).

a) País de Origem

Em nossa pesquisa, como o próprio título informa, realizaremos a análise de *nós e a gente* por falantes dos PALOP, assim, um dos fatores analisados será o país de origem dos informantes: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique ou São Tomé e Príncipe. Como o país de origem é um fator bastante importante para a nossa pesquisa, justifica-se as informações sobre o contexto sociolinguístico de cada país apresentado mais acima.

b) Sexo

O falar entre homens e mulheres pode ser muito diferente e, em distintas pesquisas acadêmicas, se corrobora essa afirmação. Entretanto, Freitag (2015, p. 17) explica que “os primeiros estudos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas”, ou seja, nesse viés, as mulheres tendem a serem mais conservadoras se a variante inovadora for estigmatizada, e tendem a serem inovadoras quando o inverso acontece.

Ressaltamos que os estudos sociolinguísticos preveem o estudo da língua relacionado à sociedade e muita coisa mudou até os dias de hoje. Assim, como esse grupo de fatores é bastante recorrente em pesquisas de cunho sociolinguístico, esta pesquisa também utiliza para a análise a variável sexo do informante (masculino/feminino), tendo em vista que se pretende averiguar se essa “hipótese clássica” possui manifestação.

c) Tempo de Permanência no Brasil

Como o corpus disponibilizado pelo PROFALA é proveniente de informantes africanos que estão ou estavam residindo no Brasil, acreditamos que a análise desse grupo de fatores é bastante interessante para a nossa pesquisa.

Além disso, partindo da hipótese levantada na construção do projeto de pesquisa, é possível que o uso de “a gente” seja motivado, ou até mesmo influenciado, a partir do contato com falantes do Português Brasileiro (PB). Nessa perspectiva, analisaremos o tempo de permanência dos informantes no Brasil, dado fornecido pelo próprio corpus, desse modo, os falantes estão estratificados entre os que estavam residindo aqui em até 6 (seis) meses, ou superior a 6 (seis) meses.

d) Preenchimento do Sujeito

Primeiro grupo de fatores de natureza formal selecionado para esta pesquisa é quanto ao preenchimento do sujeito. Bastante recorrente em análises da variação da 1PP o preenchimento do sujeito diz respeito a se o sujeito é presente ou ausente nas orações que se localizam o *nós/a gente* nas falas dos informantes. Nessa perspectiva, utilizaremos dois contextos em relação ao preenchimento do sujeito:

- i) se o sujeito é explícito na própria oração;
- ii) se o sujeito não é explícito ou presente em contexto anterior (desinencial).

Consideraremos como ocorrências desinenciais, seja pela presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome *nós* em oração anterior, seja pela presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome “a gente” em oração anterior. Para ficar mais nítido, vejamos os seguintes exemplos retirados do corpus PROFALA:

- (1.a) lá eu falo:: NÓS falamos português e tem:: nove línguas nove dialetos
(AN.6.H.31)
- (1.b) Inf.: as vezes [NÓS] falamos crioulo
(CV.6.H.56)
- (1.c) mas A GENTE acrescenta também outros termos né
(AN.6.H.41)
- (1.d) Inf.: como sendo a língua oficial do nosso país é importante né [A GENTE] entender a língua
(CV.0.H.58)

Os exemplos 1.a e 1.c são referentes aos sujeitos explícitos na oração, seja pelo o uso do *nós* ou *a gente*, já os exemplos 1.b e 1.d diz respeito ao sujeito ausente ou recuperado pelo contexto anterior.

e) Saliência Fônica Verbal

O segundo grupo de fatores formais diz respeito à saliência fônica verbal. A saliência fônica verbal foi utilizada em várias pesquisas de alternância pronominal entre *nós* e *a gente*. O papel da saliência fônica define-se, segundo Zilles e Batista (2006, p. 105 *apud* BRUSTOLIN *et al.*, 2009, p. 152), “como o de uma hierarquia das formas verbais em função do contraste entre a forma com a desinência e a 3ª pessoa do singular”. A saliência fônica consiste, fundamentalmente, de acordo com Lopes (1993, p. 57 *apud* BRUSTOLIN *et al.*, 2009, p. 152):

Entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência de se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas.

O estudo de Naro, Görski e Fernandes (1999 *apud* RUBIO, 2012) comprova que quanto maiores níveis de saliência entre as formas verbais condiciona a maior frequência de uso da forma de 1PP, seja o uso de *nós* ou *a gente*. Assim, à medida que o nível de saliência aumenta, há também o aumento da frequência de aplicação da desinência de 1PP.

Nessa perspectiva, decidimos utilizar a divisão apresentada por Rubio (2012):

Quadro 9 – Variável Saliência Fônica Verbal proposta por Rubio (2012)

i) saliência esdrúxula - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos;
ii) saliência máxima - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos;
iii) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos;
iv) saliência mínima - a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos;

Fonte: Rubio (2012).

Para elucidar essa divisão, apresentamos a seguir alguns exemplos:

- (2.a) assim A GENTE falava [falávamos] o português de Portugal com o sotaque do crioulo
(CV.6.M.112)
- (2.b) eu acho que agora que A GENTE veio [viemos] na Unilab...
(AN.0.M.304)
- (2.c) [...] aí quando eu nasci A GENTE foi [fomos] pra Zimbábue
(MO.6.H.331)
- (2.d) A GENTE tem [temos] três aulas não se aprende muita coisa mas é só:”
(CV.0.M.166)
- (2.e) então se [NÓS] não falássemos [falasse] português
(CV.0.M.182)
- (2.f) [NÓS] já somos [é] globalizados
(MO.0.H.325)
- (2.g) depois que [NÓS] vamos [vai] o que vocês chamam de ensino fundamental
(CV.0.M.161)
- (2.h) Inf.: tem palavras que:: já não fazem sentido dizer em crioulo é [NÓS] dizemos [diz] que é um crioulo aportuguesado
(CV.0.M.167)

Os exemplos 2.a e 2.e são de *saliência esdrúxula*, 2.b e 2.f são de *saliência máxima*, 2.c e 2.g são de *saliência média* e, por fim, os exemplos 2.d e 2.h são referentes à *saliência mínima*.

f) Paralelismo linguístico de nível discursivo

O Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo é o último grupo de fatores linguísticos de natureza formal. Essa variável diz respeito a uma propensão que o falante tem a repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva, e pode acontecer “seja dentro de uma sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos” de acordo com Lopes (1998, p. 413 *apud* BRUSTOLIN *et al.*, 2009, p. 150).

Desta maneira, conforme testado em diversas pesquisas, acreditamos que quando o falante escolhe determinada forma, ele irá repeti-la caso não haja mudança do referente. Assim, segundo Omena (2003, p. 72 BRUSTOLIN *et al.*, 2009, p. 150):

uma vez que usou a forma a gente e vai nomear o mesmo referente (a gente, referente igual), o falante a repete, [...], ao contrário, se a forma usada antes foi nós e o falante continua a referir-se ao mesmo grupo (nós, referência igual), a probabilidade é que ele siga usando nós.

Partindo, então, da hipótese de que a primeira realização do pronome desencadeia a repetição deste, ou seja, se o falante iniciar uma sequência discursiva utilizando o pronome *nós*, é possível que continue utilizando o mesmo pronome nas proposições seguintes, que pode ocorrer de modo implícito ou explícito. O mesmo pode ocorrer se ele optar por usar o *a gente*. Desse modo, utilizaremos um recorte das variantes sugeridas por Rubio (2012), conforme o quadro a seguir:

Quadro 10 – Variável Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo proposto por Rubio (2012)

i. forma isolada ou primeira de uma série;
ii. forma precedida de nós explícito;
iii. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial);
iv. forma precedida de a gente explícito.

Fonte: Rubio (2012).

Para exemplificar, apresentamos os seguintes exemplos retirados do nosso corpus:

(3.a) Inf.: É eu falo português porque português é a língua oficial de cabo verde mas A GENTE tem um dialeto que é o crioulo

(CV.0.H.62)

(3.b) então sendo língua portuguesa sendo **NÓS** fomos colonizados pelos portugueses e:: /

(AN.0.H.86)

(3.c) é porque tipo São Vicente tem foi mais povoada pelos portugueses e () e africanos e **NÓS** de Santiago temo / **[NÓS]** temos uma língua mais assim brutal

(CV.6.M.117) (CV.6.M.118)

(3.d) [...] porque tem palavras que [NÓS] não **usamos** mais e aqui ainda se usa

(AN.6.M.125)

(3.e) e respondem A GENTE brincava assim / **A GENTE** dizia pro professor pra esperar

(GB.6.M.216) (GB.6.M.217)

Os exemplos 3.a e 3.b são as ocorrências de *nós* e *a gente* de forma isolada ou primeira de uma série, o 3.c refere-se a forma precedida de *nós* explícito, a forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial) é exemplificada pelo exemplo 3.d, e o exemplo 3.e diz respeito à forma precedida de *a gente* explícito.

g) Grau de Determinação do Referente Sujeito

A determinação do referente sujeito tem sido frequentemente utilizado na pesquisa de alternância pronominal. Embora seja possível observar no uso cotidiano da língua que formas pronominais são frequentemente utilizadas com a função de indeterminar o sujeito em diversas línguas, incluindo o Português Brasileiro, na gramática tradicional, geralmente, só cita somente duas formas de se realizar essa indeterminação. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 128 *apud* FRANCESCHINI, 2011, p. 44): “a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome -se junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular”.

Contudo, conforme vários estudos atestaram, há variadas formas e grande diversidade de recursos de se indeterminar o sujeito para além das que trazem as gramáticas tradicionais. Entre essa variedade, a determinação do referente tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome, no nosso caso, a alternância pronominal entre *a gente* e *nós*. Franceschini (2011, p. 114) aponta que, de modo geral, “parece indicar que *nós* geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto *a gente* seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural”. Utilizando o exemplos expostos pela autora, podemos observar o uso de *nós* e *a gente* como determinado ou indeterminado:

(I) I – Nas férias **nós** vamo pra Mato Grosso que tem meu sogro que mora lá, ou **nós** vamo pra Camboriú.

E – A família toda?

I – Vai todo mundo, onde vai um, vai os outros. (MG2b)

(II) I – Além desse programa de campin? Pai, é o segundo ano em barraca, né? Daí fora disso, também... às vezes **a gente** vai pra Piratuba, né? Itá **nós** fomos também, **nós** saímos bastante. (FS2j)

Nesses dois primeiros exemplos da autora, temos o uso, por parte dos falantes, dos pronomes *a gente* e *nós* como referência determinada. Em (I) ao relatar onde passam as férias, o falante está se referindo a sua família, já em (II), a informante utiliza *a gente* e depois o *nós* para referir-se a ela e ao marido, ao qual também o chama de pai.

(III) – Funciona, funciona sim, porque hoje o que **nós** temo aí, tá loco... não tem o que o cara se quexá, tu vai vê tantos lugar que tem, não tá ruim não. Tem alguma coisinha, isso sempre tem, né? porque isso todo lugar tem, ma no geral não tá ruim não. (MG2b)

(IV) – É, o SUS, na verdade ele é governo federal, não tem nada a vê com o INPS, é governo federal, é Ministério da Saúde, é Sistema Único de Saúde, Sistema Único de Saúde, **a gente** chama de SUS, né? Mas esses médico aí, esses cartãozinho aí, são aqueles cartãozinhos do governo federal pra ter um controle de quantos têm, quantos utilizam, é... mais um negócio de arrecadação também, né? (FS11)

Nesses dois exemplos, o uso tanto de *nós* quanto de *a gente* é ampliado, em (III) o uso do pronome *nós* é realizado de uma forma mais abrangente e, inclusive, é reforçado pelo o uso do indeterminado *o cara* logo em seguida. Em (IV) o uso de *a gente* refere-se às pessoas de um modo geral, assim, é impossível identificar um referente específico. Desse modo, Franceschini (2011, p. 115) reforça que: “a partir desses exemplos pode-se perceber que os pronomes *nós* e *a gente* não são auto-referenciais, mas sim dependentes do contexto para serem interpretados”. Nessa perspectiva, adotaremos para esta pesquisa o recorte da classificação proposta por Rubio (2012):

Quadro 11 – Variável Grau de Determinação do Referente Sujeito proposto por Rubio (2012)

i) referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos.
ii) referência genérica e definida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro.
iii) referência específica e definida: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores.

Fonte: Rubio (2012).

Para elucidar essa classificação, apresentamos os exemplos também expostos pelo autor, convém mencionar que a nomenclatura de cada exemplo foi atribuída pelo próprio autor em seu trabalho:

Quadro 12 – Exemplos apresentados por Rubio (2012)

(4.a) a gente tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... não desmatá(r)	[BDI-051-550]
(4.b) nós aqui nas cidades apreciamos uma coisa: qualquer... por exemplo...	[CRPC-91-17]
(4.c) então tem um secante de cobalto... que a gente utiliza lá no serviço	[BDI-086-380]
(4.d) a sardinha é o peixe com que nós trabalhamos cá mais	[CRPC-147-29]
(4.e) quando a gente lá foi e vimos então que o homem tinha a rede na... na hélice	[CRPC-1293-3]
(4.f) à noite, nós comemos, todos três, vamos dar uma volta no carro e depois vimos para casa.	[CRPC-22-7]

Fonte: Rubio (2012).

Os exemplos (4.a) e (4.b) são de referência genérica e indefinida, em (4.c) e (4.d) temos uma referência genérica e definida, já em (4.e) e (4.f) são quando temos uma referência específica e definida.

5.3 Análise dos dados

Em nossa análise, foram encontradas ao todo o total de 469 ocorrências de *nós* e *a gente* pois, convém mencionar, que não houve ocorrência do fenômeno em 13 informantes. Dentre as 469 ocorrências, identificamos que 216 são do uso do pronome *Nós*, e 253 são relativos ao uso do *A gente*. Assim, previamente, já é possível identificar que a variação na alternância pronominal (doravante AP) da primeira pessoa do Plural (doravante 1PP) é presente nestes países africanos membros da CPLP e, também, que a variante inovadora *a gente*, com 57,72%, já possui um uso maior que a variante conservadora, com 42,28%.

5.3.1 País de origem

A primeira variável de nossa pesquisa selecionada para a análise é a de país de origem. Nessa variável analisaremos o uso de *nós* e *a gente* pelos falantes de três países membros dos PALOP: Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau. A porcentagem atribuída na tabela diz respeito ao valor total de cada variante.

Tabela 1 – Variável País de origem

País	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	Total
ANGOLA	51 ocorrências / 67%	26 ocorrências / 33%	77 ocorr. / 100%
CABO VERDE	38 ocorrências / 29%	92 ocorrências / 71%	130 ocorr. / 100%
GUINÉ-BISSAU	45 ocorrências / 41%	65 ocorrências / 59%	110 ocorr. / 100%
MOÇAMBIQUE	36 ocorrências / 69%	16 ocorrências / 31%	52 ocorr. / 100%
SÃO TOMÉ E PRINCIPE	46 ocorrências / 46%	54 ocorrências / 54%	100 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com os dados de ocorrências apresentados na Tabela 1, nota-se que o país que realiza um maior uso da variante inovadora *a gente* é Cabo Verde com um total de 92 ocorrências (71%), em detrimento de 38 ocorrências do *nós* (29%), ver exemplo 1. Enquanto que em Angola observamos que, com 51 ocorrências (67%), há um uso maior da variante *nós*, em oposição a 26 ocorrências de *a gente* (34%), exemplo 2. Moçambique também faz um maior uso da variante conservadora, com 36 ocorrências (69%), em detrimento de 16 ocorrências (31%) de *a gente*.

- (1) Inf.: é mas se chega um hum brasileiro mas é difícil demais assim quando eu digo é difícil é que difícil demais é assim A GENTE para assim ai eu olho pra ele eu falo português (CV.6.H.09)
- (2) também muito meu amigo:: NÓS estudamos juntos mas ele reprovou (AN.0.H.81)
- (3) Ao contrário do Brasil, NÓS temos províncias e não estados. (MO.0.H.318)

Já em Guiné Bissau, os valores são bem próximos em ocorrências, 45 ocorrências de *nós* (41%) e 65 ocorrências de *a gente* (59%), exemplo 4, o mesmo ocorre com São Tomé e Príncipe, com 46 ocorrências do *Nós* (46%) e 54 ocorrências de *a gente*, (54%), exemplo 5.

(4) não vou dizer que A GENTE não fala crioulo (GB.0.H.297)

(5) português é a língua que A GENTE foi criada com ele (ST.6.H.406)

5.3.2 Sexo

A segunda variável dos fatores sociais, para nossa análise, trata-se do Sexo. Primeiramente, é importante ressaltar que, em nossa pesquisa, essa variável é referente ao sexo biológico (masculino / feminino). Nesse viés, em várias pesquisas de cunho sociolinguístico, há a hipótese de que o uso da variante conservadora, geralmente, é mais utilizado pelas pessoas do sexo feminino. Essa hipótese e implicações relacionadas a ela já geraram algumas discussões, contudo, não nos deteremos a ela apesar de considerarmos uma discussão bastante importante. Portanto, o que podemos perceber em nossa análise é que, de fato, essa hipótese é relativamente confirmada aqui, conforme podemos observar na tabela 2:

Tabela 2 – Variável Sexo

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	
MASCULINO	118 ocorrências / 44%	149 ocorrências / 56%	267 ocorr. / 100%
FEMININO	98 ocorrências / 49%	104 ocorrências / 51%	202 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesse viés, podemos atestar que o sexo masculino realiza um maior uso de *a gente* (56%) em detrimento de 44% do uso do *nós* (exemplo 6). Em relação ao sexo feminino, este também realiza um maior uso da variante inovadora, contudo os valores entre o uso do *a gente* e do *nós* são bem próximos, sendo 51% e 49% respectivamente, ver exemplos 7 e 8:

(6) Inf.: não praticamente igual mas so que a língua A GENTE sabe que a língua so/ sempre ta em mudança ne (CV.0.H.73)

(7) NÓS falamos o crioulo (AN.0.M.138)

(8) si::m A GENTE fala português (ST.0.M.445)

Nossos resultados divergem, relativamente, considerando a pouca diferença de ocorrências, quanto ao trabalho de Mendonça (2012), que realizou a pesquisa da alternância nós\ a gente na fala dos moradores de Vitória (Espírito Santo) pois, em sua pesquisa, o autor verificou que há um maior favorecimento por parte das mulheres ao uso da forma a gente (838/1045 ocorrências), enquanto os homens desfavorecem a forma *a gente* em detrimento do pronome nós (398/700 ocorrências). No trabalho de Mattos (2013), os resultados em relação a essa variável são semelhantes ao de Mendonça (2012) pois, a autora constatou que as mulheres favorecem o a gente em Goiás (782/984 ocorrências) e os homens desfavorecem esse uso (804/1078 ocorrências).

No PE, os resultados de Vianna (2012), apontam que o uso de *a gente* também é mais provável no gênero feminino, havendo peso relativo 0.64 para esse fator. A autora cita que foram localizados 241 dados da forma inovadora em 908 ocorrências produzidas pelas mulheres, isto é, 26% do total. Diferentemente, o uso da forma inovadora não é favorecido pelo gênero masculino, já que o peso relativo 0.38 desfavorece o emprego de *a gente*. Entre os homens, de 1111 ocorrências produzidas, apenas 119 são da forma inovadora, ou seja, somente 10% do total. Desse modo, nossa pesquisa diverge das citadas anteriormente.

5.3.2.1 Sexo estratificado por País

Por se tratar de diferentes países, decidimos apresentar a cada grupo de fatores, uma visão panorâmica, ou seja, de modo geral, para em seguida apresentarmos os resultados por país, separadamente.

5.3.2.1.1 Angola

Em Angola, considerando o número de ocorrências, conforme a tabela abaixo, o sexo masculino realiza um maior uso da variante conservadora com 67% (exemplo 9). Contudo, o sexo feminino também com 65% (exemplo 10), porém com uma diferença menor na quantidade de ocorrências.

Tabela 3 – Variável Sexo em Angola

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
MASCULINO	31 ocorrências / 67%	15 ocorrências / 33%	46 ocorr. / 100%
FEMININO	20 ocorrências / 65%	11 Ocorrências / 35%	31 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

(9) incompreensível os dizeres da língua portuguesa depois NÓS vamos desenvolver isso com os (professores) no meio escolar (AN.6.H.54)

(10) mas o quê ” isso aqui NÓS chamamos de (doma) aqui chamam garrafa (AN.6.M.128)

5.3.2.1.2 Cabo Verde

Em Cabo Verde, diferentemente de Angola, nota-se um uso expressivo da variante inovadora pelo sexo masculino, com um total de 51 ocorrências (93%), em detrimento de 4 para o *nós*, com 7% (exemplo 11). Já o sexo feminino também realiza um maior uso de *a gente*, porém com uma diferença menor entre os números de ocorrências com o *nós*, com 55% (exemplo 12).

Tabela 4 – Variável Sexo em Cabo Verde

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
MASCULINO	4 ocorrências / 7%	51 Ocorrências / 93%	55 ocorr. / 100%
FEMININO	34 Ocorrências / 45%	41 Ocorrências / 55%	75 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

(11) aprender a falar é fácil A GENTE achava é fácil (CV.6.H.29)

(12) Inf.: A GENTE ficou lá:: uns dois dias (CV.0.M.170)

5.3.2.1.3 Guiné-Bissau

Já na Guiné-Bissau, ambos os sexos fazem um maior uso do *a gente*, com 58% e 61% respectivamente, e ambos apresentam uma diferença de 10 ocorrências entre o uso da variante inovadora e a variante conservadora. Ver exemplos (13) e (14).

Tabela 5 – Variável Sexo em Guiné-Bissau

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
MASCULINO	27 ocorrências / 42%	37 ocorrências / 58%	64 ocorr. / 100%
FEMININO	18 Ocorrências / 39%	28 Ocorrências / 61%	46 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

(13) A GENTE diz não tem, eu não sei (GB.0.M.316)

(14) A GENTE já está acostumado (GB.0.M.317)

5.3.2.1.4 Moçambique

Tabela 6 – Variável Sexo em Moçambique

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
MASCULINO	24 ocorrências / 67%	12 ocorrências / 13%	36 ocorr. / 100%
FEMININO	12 Ocorrências / 75%	4 Ocorrências / 25%	16 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Moçambique, de acordo com a tabela acima, ambos os sexos realizam um maior uso da variante conservadora, pois temos 67% de frequência no sexo masculino e 75% do sexo feminino, ver exemplos (15) e (16) respectivamente:

(15) [NÓS] voltamos pra Moçambique né (MO.6.H.333)

(16) NÓS já não respeitamos a gramática... (MO.6.M.368)

5.3.2.1.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 7 – Variável Sexo em São Tomé e Príncipe

SEXO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
MASCULINO	32 ocorrências / 48%	34 ocorrências / 52%	66 ocorr. / 100%
FEMININO	14 Ocorrências / 41%	20 Ocorrências / 59%	34 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em São Tomé e Príncipe, observamos que tanto o sexo masculino (52%) quanto o sexo feminino (59%) realizam um maior uso da variante inovadora, contudo, podemos perceber que em ambos o número de ocorrências é bem próximo, exemplos 17 e 18, respectivamente:

(17) lá em são tome A GENTE tem tem muito (ST.6.H.402)

(18) o diálogo que NÓS tamos tendo agora é graças ao português (ST.0.M.444)

5.3.3 Tempo de permanência

Terceiro, e último, do grupo de fatores sociais selecionado para a nossa pesquisa foi o tempo de permanência. Este grupo diz respeito ao se o falante estava no Brasil a menos, ou mais de 6 (seis) meses residindo aqui. O tempo de permanência pode apontar se os falantes que aqui estavam a mais tempo realizam um maior uso, confirmando nossa hipótese, ou não.

Tabela 8 – Variável Tempo de Permanência

TEMPO DE PERMANÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	139 Ocorrências / 60%	94 Ocorrências / 40%	233 ocorr. / 100%

SUPERIOR A 6 MESES	77 Ocorrências / 33%	159 Ocorrências / 67%	236 ocorr. / 100%
---------------------------	-------------------------	--------------------------	----------------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com os dados encontrados no corpus PROFALA, e conforme podemos verificar na tabela acima, o contraste entre o uso da variante conservadora e a variante inovadora é bastante grande considerando o tempo de permanência no Brasil, pois nota-se que os falantes que aqui estavam até 6 (seis) meses após sua chegada, fazem um maior uso de *nós* (19) com 60% das ocorrências, com uma diferença em ocorrências considerável em relação ao *a gente*, o que diminui consideravelmente nos falantes residentes a mais de 6 (seis) meses, com apenas 33%. Entretanto, entre aqueles que aqui estavam no período maior que 6 (seis) meses, o uso de *a gente* é muito superior ao da variante conservadora (20), com 67% das ocorrências. Desse modo, esses dados confirmam nossa hipótese de que um maior uso da variante inovadora poderia estar relacionado ao contato com os falantes nativos do Brasil, pois a variedade da Língua Portuguesa utilizada em África, em sua maioria, é a de Portugal, nesse viés, o uso do *nós* é mais esperado nessa variedade.

(19) os meus colegas dizem que NÓS falamos rápido (AN.0.M.312)

(20) porque no capital mesmo A GENTE só fala crioulo aí (GB.6.H.259)

5.3.3.1 Tempo de permanência estratificado por país

5.3.3.1.1 Angola

Tabela 9 – Variável Tempo de Permanência em Angola

TEMPO DE PERMANÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	27 ocorrências / 79%	7 ocorrências / 21%	34 ocorr. / 100%
SUPERIOR A 6 MESES	24 ocorrências / 56%	19 ocorrências / 44%	43 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em Angola, nota-se que predomina o uso de *nós*, tanto aos que estavam até 6 (seis) meses (21) como aos que estavam a mais tempo (22). Contudo, vale ressaltar que o uso de *a gente* aumenta consideravelmente entre aqueles que estiveram aqui por mais de 06 meses.

(21) em luanda as escolas só falam português e lá NÓS temos o :: o privilégio (AN.0.M.143)

(22) em casa NÓS falamos português (AN.6.H.311)

5.3.3.1.2 Cabo Verde

Tabela 10 – Variável Tempo de Permanência em Cabo Verde

TEMPO DE PERMANÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	33 ocorrências / 47%	37 ocorrências / 53%	70 ocorr. / 100%
SUPERIOR A 6 MESES	5 ocorrências / 8%	55 ocorrências / 92%	60 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tratando de Cabo Verde, podemos perceber que o número de ocorrências entre *nós* e *a gente* é bastante similar entre os falantes aqui residentes no período inferior a 6 (seis) meses, pois a diferença entre as duas é de apenas 6%, exemplos 23 e 24 respectivamente. Já em relação aos que moram há mais tempo, o contraste é bem maior, pois estes realizam um maior uso da variante inovadora com 92% das ocorrências, exemplo 25.

(23) Inf.: não é porque lá NÓS chamamos não sei como é que vocês chamam (CV.0.M.158)

(24) Inf.: sim (+) assim tem um que é da capital que é o Badim e tem um que é donde eu cresci que é sempre ajudo(+) mas tudo é crioulo A GENTE entende (CV.0.H.59)

(25) tem sotaque é diferente de português de Portugal e:: até da:: ((balbucios)) A GENTE enrola ((ri)) (CV.6.H.23)

5.3.3.2.3 Guiné-Bissau

Tabela 11 – Variável Tempo de Permanência em Guiné-Bissau

TEMPO DE PERMANÊNCIA	NÓS	A GENTE	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	34 ocorrências / 60%	23 ocorrências / 40%	57 ocorr. / 100%
SUPERIOR A 6 MESES	11 ocorrências / 21%	42 ocorrências / 79%	53 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em Guiné-Bissau, de acordo com os dados apresentados na tabela 11, nota-se um perfil semelhante ao de Cabo Verde, nos falantes residentes inferiores a 6 (seis) meses, o uso das duas variantes é aproximado em número de ocorrências, porém, nota-se um maior uso do *nós* com 60%, exemplo 26. Semelhantemente, também, ao país anterior, em relação ao tempo de permanência superior a 6 (seis) meses, estes utilizam mais o *a gente* com uma diferença notável em detrimento da outra variante com 79%, exemplo 27.

(26) dia quatro né quando NÓS tamos pra vir cá (GB.0.H.282)

(27) nem crioulo A GENTE fala da mesma maneira (GB.6.H.249)

5.3.3.2.4 Moçambique

Tabela 12 – Variável Tempo de Permanência em Moçambique

TEMPO DE PERMANÊNCIA	NÓS	A GENTE	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	20 ocorrências / 91%	2 ocorrências / 9%	22 ocorr. / 100%
SUPERIOR A 6 MESES	16 ocorrências / 53%	14 ocorrências / 47%	30 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a tabela acima, em Moçambique, em relação aos falantes residentes no Brasil no período inferior a 6 (seis) meses, estes realizam um maior uso da variante conservadora com 91%, exemplo 28. Já em relação aos falantes residentes no período maior que 6 (seis) meses, os usos são bem equivalentes, já que a diferença entre ambas é de apenas 6%, exemplos 29 e 30.

(28) De uma certa forma sim, porque NÓS em casa, na escola falamos português. (MO.0.H.319)

(29) NÓS falamos português mesmo... (MO.6.H.348)

(30) olha a importância é isso AGENTE aprende:: outras:: culturas... (MO.6.H.352)

5.3.3.2.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 13 – Variável Tempo de Permanência em São Tomé e Príncipe

TEMPO DE PERMANÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
INFERIOR A 6 MESES	25 ocorrências / 50%	25 ocorrências / 50%	50 ocorr. / 100%
SUPERIOR A 6 MESES	21 ocorrências / 42%	29 ocorrências / 58%	50 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em São Tomé e Príncipe, os falantes inferior a 6 (seis) meses no Brasil realiza o uso das duas variantes por igual, com 50% cada, exemplos 31 e 32. Já em relação as falantes residentes no período superior a 6 meses, estes realizam um maior uso da variante inovadora, com 58% (33), entretanto, convém mencionar que a diferença é de apenas 8 ocorrências.

(31) [NÓS] não falamos assim muito (ST.0.H.390)

(32) e ao telefone A GENTE fala mais é francês (ST.0.H.398)

(33) mas eles achavam é A GENTE que falava tão rápido (ST.6.H.415)

5.3.4 Preenchimento do Sujeito

Primeiro fator linguístico de natureza formal selecionado para a análise trata-se do preenchimento do sujeito. Nesse viés, conforme especificado na metodologia, dividimos em dois tipos:

- i) se o sujeito é explícito na própria oração;
- ii) se o sujeito não é explícito ou presente em contexto anterior (desinencial).

Tabela 14 – Variável Preenchimento do Sujeito

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	117 ocorrências / 33%	239 ocorrências / 67%	356 ocorr. / 100%
TIPO II	99 ocorrências / 88%	13 ocorrências / 12%	112 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme os dados apresentados na tabela 14, observamos que, de modo geral, a utilização do sujeito explícito na própria oração é mais recorrente, do que quando não se explicita ou quando se observa em contexto anterior, principalmente em relação a variável *a gente* que possui 239 ocorrências do tipo I (67%) em detrimento de 13 ocorrências do tipo II (12%), como no exemplo abaixo:

(34) inf.; [...] bom é:: eu falo a minha língua que é minha predileta e/ a o crioulo que e o in/ a hoje ainda tem que se falar a língua cabo verdiana que é língua de cabo verde mais é:: assim (no) comum A GENTE chama de crioulo né’(CV.6.H.05)

Em relação ao uso de *nós*, observamos que o uso deste é bem mais frequente tanto como explícito, embora menos que a variante inovadora, quanto quando não se explicita. Em ocorrências do tipo II seu uso é bem maior que *a gente*, pois temos 99 ocorrências da variante conservadora (88%) em detrimento de somente 13 ocorrências da variante inovadora (12%), o que é justificável pelo fato do *nós* ser mais facilmente identificável quando este não é explícito. Vale ressaltar que o *nós* encontra-se entre chaves pois pressupõe-se seu uso pelo contexto:

(35) ele escrevia (bata/pata) [NÓS] vamos escrever (AN.6.H.34) / pega no no no vocabulário né [NÓS] vamo buscar o b a t a (AN.6.H.36) / bata [NÓS] vamos onde é que ta o a” (AN.6.H.37)

5.3.4.1 Preenchimento do Sujeito estratificado por país

5.3.4.1.1 Angola

Tabela 15 – Variável Preenchimento do Sujeito em Angola

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	36 ocorrências / 58%	26 ocorrências / 42%	62 ocorr. / 100%
TIPO II	16 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	16 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Angola, observamos que, de acordo com a tabela 14, em relação ao tipo I de preenchimento do sujeito, o uso entre as variantes são bem próximos, já que em relação a *nós* houve 36 ocorrências (58%) e 26 ocorrências de *a gente* (42%). Contudo, quando trata-se do tipo II, constatamos que houve 16 ocorrências de *nós* (100%) e nenhuma ocorrência de *a gente*. Abaixo temos um exemplo em que o informante utiliza o sujeito explícito e em seguida utiliza o não explícito:

(36) e tem vezes que NÓS assim conversamos (AN.0.M.141) / [...] eu tenho às vezes [NÓS] conversamos () eu só falo português (AN.0.M.142)

5.3.4.1.2 Cabo Verde

Tabela 16 – Variável Preenchimento do Sujeito em Cabo Verde

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	13 ocorrências / 13%	89 ocorrências / 87%	102 ocorr. / 100%
TIPO II	24 ocorrências / 86%	4 ocorrências / 14%	28 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Cabo Verde notamos um movimento oposto em relação ao preenchimento do sujeito do tipo I, pois identificamos 89 ocorrências de *a gente* (87%) em oposição a somente 13 do *nós* (13%). Já em relação ao tipo II, também há bastante diferença entre as duas variáveis, pois

houve 24 ocorrências de *nós* (86%) e somente 4 ocorrências de *a gente* (14%). Abaixo um exemplo do tipo I (37) e um do tipo II (38):

(37) Inf.: A GENTE aprende na escola essas coisas (CV.0.M.173)

(38) quando eu comecei a aprender o português [NÓS] começamos a substituir algumas coi::sas (CV.0.M.186)

5.3.4.1.3 Guiné-Bissau

Tabela 17 – Variável Preenchimento do Sujeito em Guiné-Bissau

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	25 ocorrências / 30%	57 ocorrências / 70%	82 ocorr. / 100%
TIPO II	21 ocorrências / 75%	7 ocorrências / 25%	28 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

A variável preenchimento do sujeito em Guiné-Bissau é semelhante ao que acontece em Cabo Verde, pois no tipo I temos 57 ocorrências de *a gente* (70%) e 25 ocorrências de *nós* (30%), ver exemplo 39. Já no tipo II temos 21 ocorrências de *nós* (75%) e apenas 7 de *a gente* (25%), ver exemplo 40.

(39) em Bissau A GENTE fala mais crioulo (GB.0.M.234)

(40) [NÓS] não dizemos (incompreensível) verbo crioulo não tem verbo lá (GB.0.M.232)

5.3.4.1.4 Moçambique

Tabela 18 – Variável Preenchimento do Sujeito em Moçambique

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	20 ocorrências / 57%	15 ocorrências / 43%	35 ocorr. / 100%
TIPO II	16 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	16 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Moçambique, em relação ao tipo I, quando explícito na própria oração, temos 20 ocorrências (57%) da variante conservadora, ver exemplo 41, em detrimento de 15 ocorrências da variante inovadora (43%), números bem próximos em ocorrências. Já em relação ao tipo II, obtivemos 100% de frequência em relação ao *nós*, ver exemplo 42.

(41) [...] cento por cento é só falar calmamente (NÓS vai falando um pouco mais rápido) (MO.0.H.328)

(42) [NÓS] já samos da nova geração (MO.0.H.326)

5.3.4.1.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 19 – Variável Preenchimento do Sujeito em São Tomé e Príncipe

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
TIPO I	23 ocorrências / 30%	53 ocorrências / 70%	76 ocorr. / 100%
TIPO II	23 ocorrências / 96%	1 ocorrências / 4%	24 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a tabela acima, em São Tomé e Príncipe, a variante inovadora é mais realizada quando se trata do tipo I, com 53 ocorrências (70%), ver exemplo 43. Já no tipo II, quase seguindo o padrão observado em Angola e Moçambique, temos o tipo II favorecendo o uso da variante conservadora com 23 ocorrências (96%), ver exemplo 44.

(43) os mais velhos falam em crioulo e A GENTE como (ST.0.H.385)

(44) Lá infelizmente [NÓS] usamos, os jovens usam mais o português... (ST.0.M.456)

5.3.5 Saliência Fônica Verbal

Nosso segundo grupo de fatores formais é o da Saliência Fônica. Nessa perspectiva, convém mencionar que, conforme explicitado na metodologia, a análise será feita da seguinte forma:

Quadro 9 – Variável Saliência Fônica Verbal proposta por Rubio (2012)

i) saliência esdrúxula - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos;
ii) saliência máxima - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos;
iii) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos;
iv) saliência mínima - a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos;

Fonte: Rubio (2012).

Nesse viés, segue na tabela 20 nossos resultados obtidos na análise:

Tabela 20 – Variável Saliência Fônica

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	17 ocorrências / 40%	25 ocorrências / 60%	42 ocorr. / 100%
S. Máxima	10 ocorrências / 59%	7 ocorrências / 41%	17 ocorr. / 100%
S. Média	24 ocorrências / 57%	18 ocorrências / 43%	42 ocorr. / 100%
S. Mínima	188 ocorrências / 51%	184 ocorrências / 49%	372 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

O princípio da saliência fônica, de acordo com Lemle e Naro (1977), é sobre a oposição entre duas formas niveladas, em que é mais possível que essa oposição se mantenha quando há uma diferenciação fônica verbal acentuada entre elas. Por outro lado, é possível que haja uma neutralização de uma das formas quando essa distinção for menor, prevalecendo o uso de apenas uma das formas.

De acordo com a tabela acima podemos constatar que o nível de saliência fônica verbal que mais se mostrou presente nas ocorrências foi o da saliência mínima (ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos), tanto para o uso do *nós* (51%) quanto para o *a gente* (49%), com o total de 372 ocorrências, como podemos ver nos exemplos 45 e 46:

(45) também muito meu amigo:: NÓS *estudamos* juntos mas ele reprovou (AN.0.H.81)

(46) A GENTE *fala* crioulo mesmo (CV.0.M.176)

Outro nível de saliência que destacamos é o de saliência máxima (ex.: *é/somos*; *veio/viemos*), pois este foi o que menos houve ocorrências, também, nos dois níveis, com somente 17 ocorrências, conforme exemplos abaixo:

(47) [...] a GENTE *é* ensinado em portugues (GB.6.H.256)

(48) porque [NÓS] *somos* de cabo verde (CV.0.M.153)

Em Franceschini (2011), a saliência fônica foi selecionada pelo programa estatístico como segunda variável mais significativa. Desse modo, a autora observou que os resultados apresentaram a saliência esdrúxula e saliência mínima favorecendo a variante inovadora, como ocorreu, com menor diferença, em nossa pesquisa. A saliência média favoreceu o uso do *nós*, conforme a autora havia previsto em sua pesquisa, em nossa pesquisa, a saliência média também favoreceu ao *nós*, também. Já na maior saliência, Franceschini (2011) obteve um resultado próximo do ponto neutro (*a gente* .51 e *nós* .49), o que vai de encontro ao nosso, embora tenha havido pouquíssimas ocorrências.

Lopes (1998) obteve entre seus resultados que a saliência do nível 1 (*falava/falávamos*), correspondente a saliência esdrúxula, favorece a variante conservadora com 64%, o que não ocorreu em nossa pesquisa. Já a saliência do nível 2 (*trouxe/trouxemos*), correspondente à saliência mínima, favorece a variante inovadora, também com 64%.

5.3.5.1 Saliência Fônica Verbal estratificado por país

5.3.5.1.1 Angola

Tabela 21 – Variável Saliência Fônica em Angola

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	3 ocorrências / 38%	5 ocorrências / 62%	8 ocorr. / 100%
S. Máxima	3 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	3 ocorr. / 100%
S. Média	7 ocorrências / 70%	3 ocorrências / 30%	10 ocorr. / 100%
S. Mínima	38 ocorrências / 68%	18 ocorrências / 32%	56 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Angola, segue-se o padrão verificado na análise geral, temos a saliência mínima com 56 ocorrências ao total entre as duas variáveis, sendo o total correspondente ao *nós* em número maior de ocorrências, com 68% (exemplo 49), e a saliência máxima (exemplo 50) com o menor número de ocorrências, 3 ao total (100%), sendo que a variável *a gente* não houve nenhuma.

(49) suponhamos que NÓS *estamos* aqui (AN.0.H.83)

(50) e tal são aqueles que nasceram no interior da província NÓS assim que *somos* mais par lá pra capital:: (AN.0.H.91)

5.3.5.1.2 Cabo Verde

Tabela 22 – Variável Saliência Fônica em Cabo Verde

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	4 ocorrências / 27%	11 ocorrências / 73%	15 ocorr. / 100%
S. Máxima	3 ocorrências / 50%	3 ocorrências / 50%	6 ocorr. / 100%
S. Média	4 ocorrências / 44%	5 ocorrências / 56%	9 ocorr. / 100%
S. Mínima	27 ocorrências / 27%	73 ocorrências / 73%	100 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Cabo Verde também segue o padrão anterior, temos 100 ocorrências na saliência mínima, sendo 73 de *a gente* (73%) e 27 de *nós* (27%), ver exemplo 51. Ainda seguindo o padrão anterior, o nível de saliência máxima é o que menos encontramos ocorrências, sendo 6 (seis) ocorrências no total, 3 para cada ocorrências, 50% para cada variante (52).

(51) português que A GENTE *aprende* e eu falo também inglês (CV.6.H.18)

(52) porque [NÓS] *somos* de cabo verde (CV.0.M.153)

5.3.5.1.3 Guiné Bissau

Tabela 23 – Variável Saliência Fônica em Guiné-Bissau

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	6 ocorrências / 60%	4 ocorrências / 40%	10 ocorr. / 100%
S. Máxima	0 ocorrências / 0%	2 ocorrências / 100%	2 ocorr. / 100%
S. Média	9 ocorrências / 82%	2 ocorrências / 18%	11 ocorr. / 100%
S. Mínima	50 ocorrências / 57%	37 ocorrências / 43%	87 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Consolidando o padrão observado desde o geral, em Guiné-Bissau também observa-se os mesmos destaques. Temos a saliência mínima com o maior número de ocorrências, 87 ao total, tendo o *nós* mais ocorrências, com 57% (53), e com menos ocorrências temos a saliência máxima com somente 2 ocorrências, 100%, com a variante inovadora (54).

(53) na nossa língua NOS não *estudamos* (GB.6.M.203)

(54) [...] a GENTE *é* ensinado em portugues (GB.6.H.256)

5.3.5.1.4 Moçambique

Tabela 24 – Variável Saliência Fônica em Moçambique

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	2 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	2 ocorr. / 100%
S. Máxima	4 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	4 ocorr. / 100%
S. Média	4 ocorrências / 50%	4 ocorrências / 50%	8 ocorr. / 100%
S. Mínima	27 ocorrências / 69%	12 ocorrências / 31%	39 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Moçambique, o padrão observado em questão ao número de ocorrências na saliência mínima é seguido, pois temos 39 ocorrências ao todo, sendo 69% em relação a variante conservadora, e 31% em relação a variante inovadora, exemplos 55 e 56 respectivamente:

(55) Já tem muito (incompreensível) lá e [NÓS] já *estamos* (incompreensível)... (MO.0.H.322)

(56) por exemplo inglês frances A GENTE *inicia* no meio (do ensino mesmo) então por fora é muito complicado (MO.0.H.329)

Mesmo que a saliência máxima siga o padrão observado anteriormente, daremos destaque a saliência média que, em relação a Moçambique, apresentou um total de 8 ocorrências, sendo 50% para cada variante:

(57) claro fala que tem essa:: AGENTE *vai* criando né (MO.6.H.339)

(58) [...] cento por cento é só falar calmamente (NÓS *vai* falando um pouco mais rápido) (MO.0.H.328)

5.3.5.1.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 25 – Variável Saliência Fônica em São Tomé e Príncipe

SALIÊNCIA FÔNICA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
S. Esdrúxula	2 ocorrências / 28%	5 ocorrências / 72%	7 ocorr. / 100%
S. Máxima	0 ocorrências / 0%	2 ocorrências / 100%	2 ocorr. / 100%
S. Média	0 ocorrências / 0%	4 ocorrências / 100%	4 ocorr. / 100%
S. Mínima	46 ocorrências / 51%	44 ocorrências / 49%	90 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Por último, em São Tomé e Príncipe, assim como nos países anteriores, temos a saliência mínima com maiores números de ocorrências, sendo 51% para o *nós* (59), e 49% para o *a gente* (60), valores bem próximos:

(59) [...] quando estou com os moçambicanos e [NÓS] *temos* que preservar a cultura (MO.0.M.360)

(60) A GENTE *passa* por vários países (MO.6.M.364)

5.3.6 Paralelismo linguístico de nível discursivo

Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo é o nosso último grupo de fatores linguísticos de natureza formal. Esse grupo de fatores ficou dividido na seguinte forma:

Quadro 10 – Variável Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo proposto por Rubio (2012)

i. forma isolada ou primeira de uma série;
ii. forma precedida de nós explícito;
iii. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial);
iv. forma precedida de a gente explícito.

Fonte: Rubio (2012).

Nesse viés, apresentamos os resultados obtidos na seguinte tabela:

Tabela 26 – Variável Paralelismo Linguístico

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	99 ocorrências 42%	139 ocorrências / 58%	238 ocorr. / 100%
Tipo ii	47 ocorrências / 82%	10 ocorrências / 18%	57 ocorr. / 100%
Tipo iii	61 ocorrências / 87%	9 ocorrências / 13%	70 ocorr. / 100%
Tipo iv	11 ocorrências / 10%	95 ocorrências / 90%	106 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a tabela 26 acima, o maior número de ocorrências para as duas variantes foram para o paralelismo do tipo i, ou seja, tanto o *nós* (42%) como *a gente* (58%) foram favorecidos quando foram o primeiro de uma série ou quando apareceram isolados. Nesse viés, a variante *a gente* foi mais favorecida no tipo i (61), e também, em ocorrências do tipo iv, quando era precedida de *a gente* explícito, com 90% das ocorrências (62):

(61) acho que assim como base também o portugues porque eles se A GENTE fala devagar vocês acabam entendendo algumas coisas (CV.6.H.06)

(62) aí ela tenta falar o quê ela tenta falar um porquinho de português que é o que A GENTE já sabe né um pouquinho de inglês (CV.6.M.115) / pra ver se A GENTE tenta se dar bem no mundo (CV.6.M.116)

Em relação à variante conservadora, este teve ocorrências com números bem aproximados do tipo i ao tipo iii, porém, foi mais favorecido em ocorrências do tipo ii, com 82%, e do tipo iii, com 87%, quando a forma era precedida de verbo em IPP (sujeito desinencial), ver exemplos (63) e (64):

(63) bom por exemplo NÓS (GB.0.M.228) / NÓS estamos aqui (GB.0.M.229)

(64) umas pessoas lá que [NÓS] não dissemos (GB.0.H.283)

Vale comentar que, ainda conforme a tabela acima, houve ocasiões em que os informantes que utilizaram as duas variantes nas respostas, ou seja, as vezes começava com o *nós* e utilizava *a gente* logo após, e vice versa.

No estudo de Vianna (2016), de acordo com os resultados obtidos, verifica-se que, quando o pronome é a primeira escolha de uma série discursiva em que há retomadas da referência à 1ª pessoa do plural, localizaram-se 80 dados de *a gente* em 347 ocorrências totais dessa posição, ou seja, 23% de produtividade. Em casos de uso isolado das formas de 1ª pessoa plural, por sua vez, foram localizados 43 dados de *a gente* em 192 ocorrências totais, com percentual de 23%. O que diverge de nosso estudo. Contudo, ainda de acordo com Vianna (2016), esses resultados abaixo vão de encontro aos nossos.

Quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural está antecedida por *a gente*, há uma probabilidade muito alta de que o falante utilize o mesmo pronome e opte pela forma gramaticalizada nessa posição, foram localizados 165 dados de *a gente* em 244 ocorrências totais. De maneira oposta, quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural é antecedida pelo uso do pronome padrão, é pouquíssimo provável que se opte pelo uso da forma inovadora, nessa situação apenas foram localizados 68 dados de *a gente*, em um total de 1.230 ocorrências, ou seja, demonstrando que tal ambiente favorece sobremaneira o emprego da forma *nós*.

No estudo de Mendonça (2012), o autor cita que, das 1.745 ocorrências, 1.236 foram da forma *a gente*. Entre os resultados, o autor cita que a referência isolada desfavorece a forma *a gente* em (230 ocorrências de 325), e que o mesmo ocorre quando a primeira referência refere-se à forma *a gente* (255/366), o que diverge de nossos resultados. No fator relativo à forma *a gente* que não é a primeira da série e é precedida por *nós* explícito, das 153 ocorrências, 48

eram de *a gente*. Resultado bastante semelhante à referência não primeiro da série precedida de *nós* implícito, em que, das 139 ocorrências, 37 eram da forma *a gente*. Assim, nas ocorrências iniciadas por *nós*, a sequência seguinte favorecia a manutenção deste pronome, evidenciando, assim, o paralelismo formal das formas estruturadas com o pronome *nós*, conforme ocorreu em nossos dados. Mendonça (2012) comenta que o mesmo se dá também com a forma *a gente* quando não é a primeira da série precedida de *a gente* explícito: de 654 ocorrências, 576 foram de *a gente*, o que também vai de encontro ao nosso.

5.3.6.1 Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo estratificado por país

5.3.6.1.1 Angola

Tabela 27 – Variável Paralelismo Linguístico em Angola

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	27 ocorrências / 64%	15 ocorrências / 36%	42 ocorr. / 100%
Tipo ii	8 ocorrências / 80%	2 ocorrências / 20%	10 ocorr. / 100%
Tipo iii	12 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	12 ocorr. / 100%
Tipo iv	2 ocorrências / 15%	11 ocorrências / 85%	13 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a tabela 27, em Angola as ocorrências isoladas ou primeiro de uma série favoreceram as duas variantes, mais ao *nós* com 27 ocorrências, com 64% (ver exemplo 65), do que ao *a gente* com 15 ocorrências, com 36%. Em relação à variante inovadora, ela foi favorecida tanto pelo tipo i, como dito anteriormente, quanto pelo tipo iv, ou seja, quando precedida de *a gente* explícito, com 85% (ver exemplo 66).

(65) os brasileiros acham que *NÓS* falam assim mais ligeiro também (AN.6.H.32)

(66) quando se trata de língua portugue::sa o pessoal interessou-se mais em saber até porque A GENTE tem essa cadeira na escola tem essa cadeira língua portuguesa (AN.6.H.39) / eu percebo que:: há uma grande diferença se A GENTE voltar no tempo a uns:: dez anos atrás muita diferença (AN.6.H.40)

5.3.6.1.2 Cabo Verde

Tabela 28 – Variável Paralelismo Linguístico em Cabo Verde

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	10 ocorrências / 20%	41 ocorrências / 80%	51 ocorr. / 100%
Tipo ii	13 ocorrências / 68%	6 ocorrências / 32%	19 ocorr. / 100%
Tipo iii	12 ocorrências / 63%	7 ocorrências / 37%	19 ocorr. / 100%
Tipo iv	1 ocorrências / 2%	40 ocorrências / 98%	41 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Cabo Verde temos 41 ocorrências de *a gente* (80%), em detrimento de 10 para o *nós* (20%), em ocorrências isoladas ou primeiro de uma série favorecendo a variante inovadora (exemplo 67), e também temos 40 ocorrências de *a gente* e somente 1 de *nós* quando precedida de *a gente* explícito (exemplo 67):

(67) tem um pessoal cabo verdiano especificamente cabo verdiano que A *GENTE* fala so crioulo (CV.0.H.70)/ A *GENTE* fa/ acho (CV.0.H.71) / que A *GENTE* faz questão né” (CV.0.H.72)

Esses resultados em Cabo Verde são justificáveis por se tratar do país em que os falantes mais efetuaram ocorrências em relação à variante inovadora.

5.3.6.1.3 Guiné-Bissau

Tabela 29 – Variável Paralelismo Linguístico em Guiné-Bissau

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	17 ocorrências / 30%	40 ocorrências / 70%	57 ocorr. / 100%
Tipo ii	9 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	9 ocorr. / 100%
Tipo iii	21 ocorrências / 91%	2 ocorrências / 9%	23 ocorr. / 100%
Tipo iv	3	18	21

	ocorrências / 14%	ocorrências / 86%	ocorr. / 100%
--	-------------------	-------------------	---------------

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a tabela acima, Guiné-Bissau segue o padrão de Cabo Verde, pois as ocorrências do tipo i (70%) e do tipo iv (86%) são as que mais favoreceram o uso de *a gente*, conforme exemplo abaixo:

(68) na escola não é sempre que *A GENTE* fala um português (GB.6.M.209) / *A GENTE* escreve mais do que falar (GB.6.M.210) / *A GENTE* fica dentro da sala comunicando direto em crioulo (GB.6.M.211) / [...] aí *A GENTE* sai da da da escola pra casa pra continuar falando a mesma língua que é o crioulo (GB.6.M.212) / [...] com a professora dizendo que as vezes *A GENTE* fala um crioulo brilhante (GB.6.M.213)

Em relação à variante conservadora, vale mencionar que os tipos ii, com 100%, e iii (precedida de verbo em 1PP), com 91%, foram as que mais favoreceram, exemplos (69) e (70), respectivamente:

(69) NOS não utilizamos meia (GB.0.H.275) / vocês também utilizam (capo) NOS utilizamos capa (GB.0.H.276)

(70) não é uma coisa fácil como acontece no nosso país [NÓS] falamos em língua portuguesa na escola (GB.0.H.271)

5.3.6.1.4 Moçambique

Tabela 30 – Variável Paralelismo Linguístico em Moçambique

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	23 ocorrências / 70%	10 ocorrências / 30%	33 ocorr. / 100%
Tipo ii	7 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	7 ocorr. / 100%
Tipo iii	5 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	5 ocorr. / 100%
Tipo iv	1 ocorrências / 14%	6 ocorrências / 86%	7 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em Moçambique, de acordo com a tabela 30, temos o tipo i (70%), tipo ii e tipo iii com 100% das ocorrências favorecendo a variante conservadora, conferir o exemplo a seguir:

(71) NÓS estamos aqui pra nos comunicar onde tem gente que fala português (MO.6.H.346) / que:: muitas vezes [NÓS] somos exigidos pra nos comunicar sabe” (MO.6.H.347)

No exemplo acima, temos a presença do *nós* sendo primeiro de uma série, também temos a forma precedida de *nós* explícito e também temos a ocorrência da forma precedida de verbo em 1pp, pois o *nós* encontra-se entre chaves pois pressupõe seu uso pela presença do verbo. Em relação à variante inovadora, esta é influenciada somente em ocorrências do tipo iv (86%), ver exemplo a seguir:

(72) [...] acho mais difícil de eles nos entender do que A GENTE entender eles (MO.6.H.337) / porque A GENTE tem que repetir o que disse (MO.6.H.338)

5.3.6.1.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 31 – Variável Paralelismo Linguístico em São Tomé e Príncipe

PARALELISMO LINGUÍSTICO	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	22 ocorrências / 40%	33 ocorrências / 60%	55 ocorr. / 100%
Tipo ii	10 ocorrências / 83%	2 ocorrências / 17%	12 ocorr. / 100%
Tipo iii	11 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	11 ocorr. / 100%
Tipo iv	4 ocorrências / 17%	20 ocorrências / 83%	24 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em São Tomé e Príncipe, a variante inovadora é influenciada pelo uso do paralelismo tipo i (60%) e do tipo iv (83%), conferir os exemplos a seguir:

(73) lá A GENTE usa rapariga normalmente (ST.6.H.407)

(74) aí também lá A GENTE tem inglês e Frances também (ST.6.H.409) / então quer dizer A GENTE aprende na escola (ST.6.H.410)

Já a variante conservadora é influenciada pelo tipo ii (83%) e pelo tipo iii com 100%, conforme o exemplo a seguir:

(75) é lógico que [NÓS] podemos falar um pouco de crioulo (ST.6.H.425) / ou NOS podemos falar um pouco de tudo (ST.6.H.426) / [NÓS] podemos falar um pouco de português um pouco de crioulo (ST.6.H.427) / e [NÓS] podemos até falar um pouco português a moda de Brasil (ST.6.H.428)

5.3.7 Grau de Referência

O grau de referência diz respeito aos usos que *a gente* pode assumir, pois, conforme explicitado anteriormente, a variante inovadora pode ser utilizada como recurso para indeterminar o sujeito do qual está se falando. Nesse viés, analisaremos utilizando os seguintes graus de referência:

Quadro 11 – Variável Grau de Determinação do Referente Sujeito proposto por Rubio (2012)

i) referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos.
ii) referência genérica e definida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro.
iii) referência específica e definida: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores.

Fonte: Rubio (2012).

Desse modo, vamos conferir a tabela abaixo:

Tabela 32 – Variável Grau de Referência

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	138 ocorrências / 51%	135 ocorrências / 49%	273 ocorr. / 100%
Tipo ii	65 ocorrências / 40%	97 ocorrências / 60%	162 ocorr. / 100%
Tipo iii	13 ocorrências / 39%	20 ocorrências / 61%	33 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme a tabela 32, podemos atestar que, em relação à variante conservadora, esta é favorecida pelo grau de referência do tipo I com 138 ocorrências (51%), ou seja, quando se é utilizada para falar de uma referência genérica e indefinida (76). O que era esperado seria que o *a gente* fosse favorecido nesses tipos de ocorrências, dado sua natureza como substantivo ser utilizado para se referir, geralmente, de forma genérica e indefinida, porém o uso da variante inovadora é bastante próximo com 49%.

(76) quando alguém diz em luanda NÓS dissemos não quero brincar (AN.0.H.90)

Em relação à variante inovadora, esta é mais favorecida quando se trata de uma referência do tipo ii com 97 ocorrências (60%), quando se trata de uma referência genérica e definida, conforme exemplo (77), e do tipo iii (61%), quando se refere a uma referência específica e definida, e esta última, também indo em direção contrária ao que se era esperado, pois o *nós*, conforme outras pesquisas, geralmente é favorecida nesse tipo de ocorrências, ver exemplo (78):

(77) eu (claro) que A GENTE fala diferente um pouco diferente mas dá pra entender sem problemas (CV.6.H.19)

(78) [...] ai só quando eu chegava assim de férias é que A GENTE usava francês com ele (ST.0.H.396)

Franceschini (2011) utilizou como análise se as duas variantes foram utilizadas como determinação ou indeterminação do sujeito, do qual ela obteve 174/202 ocorrências (86%), o *a gente* foi utilizado indeterminando o sujeito. E o *nós*, com 742/1.351 (55%), foi utilizado quando se determinava o sujeito. O resultado da autora vai, parcialmente, de encontro ao nosso, pois *a gente* também foi favorecido em contexto semelhante, porém, a variante conservadora também foi, o que não era esperado.

Mendonça (2012) dividiu a variável da seguinte forma: (i) *a gente* em referência ao próprio falante; ou seja: ao eu; (ii) *a gente* em referência a eu + ele (não pessoa); (iii) *a gente* em referência indeterminada ou genérica. Como resultados, a autora obteve que: a referência a eu + você favorece o uso da forma *a gente*, embora tenha um índice pequeno de ocorrências (8/11). A referência determinada, ou seja, quando o falante se refere a ele próprio, primeira pessoa, favorece a forma *a gente* (239/295 ocorrências). A referência eu+você+não pessoa, que também apresenta um índice muito baixo de ocorrências, favorece a forma *a gente* (6/7). E o

último resultado, dentre os que selecionamos como importantes, corrobora com o nosso. A referência genérica apresenta, em relação ao *a gente*, 253/357 ocorrências, demonstrando um certo equilíbrio entre as duas variantes, o que significa que, segundo a autora, tanto *nós* quanto *a gente* possuem referência genérica, podendo ser usadas para indeterminação ou generalização do sujeito.

5.3.7.1 Grau de Referência estratificado por país

5.3.7.1.1 Angola

Tabela 33 – Variável Grau de Referência em Angola

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	30 ocorrências / 70%	13 ocorrências / 30%	43 ocorr. / 100%
Tipo ii	21 ocorrências / 64%	12 ocorrências / 36%	33 ocorr. / 100%
Tipo iii	1 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	1 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em Angola, somente a variante conservadora foi favorecida em ocorrências do tipo i (70%), conferir exemplo 79, tipo ii (64%), ver exemplo 80, e do tipo iii (100%).

(79) (assim [NÓS] falamos Umbundo e lunguie e tal) não falam portugues da mesma forma maneira de Luanda (AN.0.M.136)

(80) [...] agora NÓS os jovens, os mais atuais, nem estamos com cabeça... (AN.0.M.303)

5.3.7.1.2 Cabo Verde

Tabela 34 – Variável Grau de Referência em Cabo Verde

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	27 ocorrências / 44%	35 ocorrências / 56%	62 ocorr. / 100%
Tipo ii	11 ocorrências / 19%	47 ocorrências / 81%	58 ocorr. / 100%

Tipo iii	1 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	1 ocorr. / 100%
-----------------	-------------------------	-----------------------	--------------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diferentemente de Angola, o *a gente* é favorecido nas ocorrências do tipo I (56%), ver exemplo 81, e do tipo II (81%), quando o grau de referência é genérico e definido, conforme o exemplo 82:

(81) a partir de seis anos A GENTE começa aprender a soletrar (CV.6.M.122)

(82) quando:: AGENTE soube da:: das notas (CV.0.M.189)

5.3.7.1.3 Guiné-Bissau

Tabela 35 – Variável Grau de Referência em Guiné-Bissau

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	33 ocorrências / 43%	43 ocorrências / 57%	76 ocorr. / 100%
Tipo ii	12 ocorrências / 41%	17 ocorrências / 59%	29 ocorr. / 100%
Tipo iii	0 ocorrências / 0%	0 ocorrências / 0%	0 ocorr. / 0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em Guiné-Bissau, assim como em Cabo Verde, a variante inovadora é favorecida em ocorrências do tipo I (57%), e do tipo II (59%):

(83) essa língua local sempre tem uma influência então A GENTE já sabe se a pessoa (GB.6.H.240)

(84) mesmo que eles falassem agora com A GENTE ele teria dificuldades pra compreender (GB.6.M.214)

5.3.7.1.4 Moçambique

Tabela 36 – Variável Grau de Referência em Moçambique

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	18 ocorrências / 69%	8 ocorrências / 31%	26 ocorr. / 100%
Tipo ii	11 ocorrências / 61%	7 ocorrências / 39%	18 ocorr. / 100%
Tipo iii	7 ocorrências / 87%	1 ocorrências / 13%	8 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a tabela 36, em Moçambique as ocorrências do tipo I (69%) e do tipo II (61%), e do tipo II (87%) favoreceram o uso da variante conservadora:

(85) [...] única língua que [NÓS] podemos usar é o português... (MO.0.M.354)

(86) [...] o português deles foi ensinado praticamente pelos próprios portugueses, enquanto NÓS não (MO.6.H.335)

(87) porque ela tava lá a trabalho, aí [NÓS] voltamos pra Moçambique, foi quando eu aprendi o português (MO.6.H.334)

5.3.7.1.5 São Tomé e Príncipe

Tabela 37 – Variável Grau de Referência em São Tomé e Príncipe

GRAU DE REFERÊNCIA	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	TOTAL
Tipo i	30 ocorrências / 45%	36 ocorrências / 55%	66 ocorr. / 100%
Tipo ii	12 ocorrências / 46%	14 ocorrências / 54%	26 ocorr. / 100%
Tipo iii	4 ocorrências / 57%	3 ocorrências / 43%	7 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

E, por fim, de acordo com a tabela acima, em São Tomé e Príncipe, nas ocorrências do tipo I (55%) e do tipo II (54%), os falantes realizaram um maior uso da variante inovadora –

ver exemplos 88 e 89 respectivamente –, já a variante conservadora foi influenciada pelas ocorrências do tipo III (57%) – ver exemplo 90.

(88) mas fora isso aí A GENTE tem o nosso não sei se é crioulo ou dialeto (ST.6.H.400)

(89) lá em casa A GENTE ficava uma semana (ST.6.H.413)

(90) e ai:: NÓS eu e os meus irmão (ST.0.H.394)

6 CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo o de analisar a variação existente entre o *nós* e *a gente* (Primeira Pessoa do Plural – 1PP) na variedade africana da Língua Portuguesa, ou seja, entre os falantes nativos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), além de descrever os fatores condicionadores e a frequência de uso à luz do suporte teórico da Sociolinguística.

Nesse viés, discutimos acerca dos resultados obtidos realizando um cruzamento de dados em relação a cada variável. Assim, de modo geral, conforme observado na tabela 1, podemos constatar que Angola e Moçambique, com 67% e 69%, respectivamente, utilizam um maior uso da variante padrão *nós*. Já em relação a variante inovadora, o *a gente*, é mais frequente em Cabo Verde e Guiné Bissau, com 71% e 59%, respectivamente. São Tomé e Príncipe também realiza um maior uso da variante inovadora, contudo, a frequência de uso entre o *a gente* e o *nós* são próximos, pois temos 54% da variante inovadora em detrimento de 46% da variante padrão. Nossa hipótese inicial era que o uso do *a gente* fosse realizado com mais frequência pelos falantes dos países em que o português ocorre não só como língua oficial, mas também como língua materna. Em Cabo Verde justifica-se a maior frequência por conta de a Língua Portuguesa ser utilizada não somente como a Língua oficial, mas também como segunda Língua (L2). Contudo, em Guiné Bissau, a maior frequência do uso da variante inovadora pode estar relacionado ao fato de que o português seja considerado como língua de prestígio naquele país, nesse sentido, como o pronome inovador de 1PP não é estigmatizado, o uso de *a gente* não é criticado. Portanto, podemos confirmar que existe variação nos PALOP em relação a 1PP e que, em alguns países, a frequência de uso da variante inovadora é maior que a da variante padrão.

Em relação à variável sexo, realizando o cruzamento dos dados, obtemos os seguintes resultados:

Tabela 38 – Variável Sexo X Variável País

	NÓS		A GENTE	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ANGOLA	31 ocor. / 67%	20 ocor. / 65%	15 ocor. / 33%	11 ocor. / 35%
CABO VERDE	4 ocor. / 7%	34 ocor. / 45%	51 ocor. / 93%	41 ocor. / 55%
GUINÉ BISSAU	27 ocor. / 42%	18 ocor. / 39%	37 ocor. / 58%	28 ocor. / 61%
MOÇAMBIQUE	24 ocor. / 67%	12 ocor. / 75%	12 ocor. / 13%	4 ocor. / 25%
SÃO TOMÉ E PRÍNCÍPE	32 ocor. / 48%	14 ocor. / 41%	34 ocor. / 52%	20 ocor. / 59%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à Variante Conservadora, as maiores frequências de uso na variável sexo masculino são em Angola e em Moçambique, com 67% de uso cada. Na variável sexo feminino, também realizam um maior uso nestes dois países, com 65% e 75% respectivamente. Já em relação à variante inovadora, o sexo feminino dos países Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe fazem maior uso do *a gente*, com 55%, 61% e 59% respectivamente. As maiores frequências de uso, em relação à variável sexo masculino, estão em Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, com 93%, 58% e 52%, respectivamente. De modo geral, levando em consideração que em três países o sexo feminino possui uma maior frequência de uso em relação à variante inovadora, desvalida a hipótese generalizada presente em diversas pesquisas de que o sexo feminino faz um maior uso da variante considerada conservadora, discutimos acerca desse assunto de modo superficial na seção de metodologia.

O próximo cruzamento de dados é referente ao tempo de permanência no Brasil, se os falantes nativos dos PALOP estavam aqui a menos ou mais de 6 (seis) meses.

Tabela 39 – Variável Tempo de Permanência X Variável País

	NÓS		A GENTE	
	- 6 MESES	+ 6 MESES	- 6 MESES	+ 6 MESES
ANGOLA	27 ocor. / 79%	24 ocor. / 56%	7 ocor. / 21%	19 ocor. / 44%
CABO VERDE	33 ocor. / 47%	5 ocor. / 8%	37 ocor. / 53%	55 ocor. / 92%
GUINÉ BISSAU	34 ocor. / 60%	11 ocor. / 21%	23 ocor. / 40%	42 ocor. / 79%
MOÇAMBIQUE	20 ocor. / 91%	16 ocor. / 53%	2 ocor. / 9%	14 ocor. / 47%
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	25 ocor. / 50%	21 ocor. / 42%	25 ocor. / 50%	29 ocor. / 58%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à variável Tempo de Permanência, os falantes que aqui estavam a menos de 6 (seis) meses que fazem um maior uso da variante *nós* temos Angola, Guiné Bissau e Moçambique, com 79%, 60% e 91%, respectivamente, já em relação aos falantes com mais de 6 (seis) meses, somente Angola e Moçambique permanecem, com 56% e 53%, respectivamente. Entretanto, quando observamos a frequência de uso em relação à variante inovadora, constatamos um aumento de uso em todos os países entre os que estavam a menos de 6 (seis) meses e os que estão a mais de seis meses. Angola passa de 21% para 44%, Cabo Verde passa de 53% para 92%, Guiné Bissau passa de 40% para 79%, Moçambique passa de 9% para 47% e São Tomé e Príncipe passa de 50% para 58%. Esses dados confirmam nossas hipóteses de que seria possível um maior uso do *a gente* entre os falantes que estavam no país a um tempo superior a 6 (seis) meses, quando o contato com o português brasileiro já seria bem maior pois, como mostrado anteriormente, o fenômeno é presente e estudado há anos no Brasil, além de constatada a variação em diversas cidades e regiões do país, em diversas ocorrências foram

apontados casos de processo de mudança em andamento, tendo em vista que o fenômeno encontra-se em outro estágio e com a forma *a gente* bastante implementada.

No cruzamento de dados entre os países com a variável Preenchimento de Sujeito, obtemos os seguintes resultados:

Tabela 40 – Variável Preenchimento de Sujeito X Variável País

	NÓS		A GENTE	
	TIPO I	TIPO II	TIPO I	TIPO II
ANGOLA	36 ocor. / 58%	16 ocor. / 100%	26 ocor. / 42%	0 ocor. / 0%
CABO VERDE	13 ocor. / 13%	24 ocor. / 86%	89 ocor. / 87%	4 ocor. / 14%
GUINÉ-BISSAU	25 ocor. / 30%	21 ocor. / 75%	57 ocor. / 70%	7 ocor. / 25%
MOÇAMBIQUE	20 ocor. / 57%	16 ocor. / 100%	15 ocor. / 43%	0 ocor. / 0%
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	23 ocor. / 30%	23 ocor. / 96%	53 ocor. / 70%	1 ocor. / 4%

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a tabela acima, feito o cruzamento dos países com o tipo I do preenchimento de sujeito, os seguintes países realizam um maior uso da variante conservadora: Angola e Moçambique, com 58% e 57% cada, já no tipo II temos todos os países, sendo, Angola (100%), Cabo Verde (86%), Guiné Bissau (75%), Moçambique (100%) e São Tomé e Príncipe (96%). Em relação à variante inovadora, os seguintes países fizeram um maior uso no preenchimento de sujeito do tipo I: Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Com 87%, 70% e 70%, respectivamente. Já no tipo II, nenhum país se destacou, a maior porcentagem sendo de 25%, com somente 7 ocorrências. Esses resultados não se distanciam do esperado pois, em relação ao *nós*, este é facilmente identificável quando se é realizado sentenças com o sujeito ausente, o mesmo não acontece em relação ao *a gente*, por isso a maioria das ocorrências com a variante inovadora foram feitas com o sujeito explícito.

Na variável tipo de Saliência Fônica cruzado com os países obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 41 – Variável Saliência Fônica X Variável País

	NÓS					A GENTE		
	S. ESD.	S. MÁX.	S. MÉD.	S. MIN.	S. ESD.	S. MÁX.	S. MÉD.	S. MIN.
ANGOLA	3 ocor. / 38%	3 ocor. / 100%	7 ocor. / 70%	38 ocor. / 68%	5 ocor. / 62%	0 ocor. / 0%	3 ocor. / 30%	18 ocor. / 32%
CABO VERDE	4 ocor. / 27%	3 ocor. / 50%	4 ocor. / 44%	27 ocor. / 27%	11 ocor. / 73%	3 ocor. / 50%	5 ocor. / 56%	73 ocor. / 73%
GUINÉ-BISSAU	6 ocor. / 60%	0 ocor. / 0%	9 ocor. / 82%	50 ocor. / 57%	4 ocor. / 40%	2 ocor. / 100%	2 ocor. / 18%	37 ocor. / 43%

MOÇAMBIQUE	2 ocor. / 100%	4 ocor. / 100%	4 ocor. / 50%	27 ocor. / 69%	0 ocor. / 0%	0 ocor. / 0%	4 ocor. / 50%	12 ocor./ 31%
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	2 ocor. / 28%	0 ocor. / 0%	0 ocor. / 0%	46 ocorr. / 51%	5 ocor. / 72%	2 ocor. / 100%	4 ocor./ 100%	44 ocor./ 49%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse viés, quanto à frequência de uso da variante conservadora, em relação à variável saliência esdrúxula, se destacaram Guiné-Bissau e Moçambique, sendo 60% e 100, respectivamente, já no uso da variante inovadora, temos somente Angola com 62%.

A frequência de uso da variante conservadora, em relação à variável saliência máxima, se destaca em Angola e Moçambique, com 50% e 100%, respectivamente. No uso da variante *a gente* temos Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, com 100% cada. Já Cabo Verde apresentou 50% tanto no uso do *nós* quanto do *a gente*.

Na variável saliência média, a frequência de uso da variante conservadora foi maior em Angola e Guiné-Bissau, com 70% e 82% respectivamente. A frequência de uso do *a gente* foi maior em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, com 56% e 100%, respectivamente. Moçambique apresentou neutralidade, com 50% para cada variante.

Na última saliência, a mínima, em relação ao *nós*, a maior frequência de uso só não foi observada em Cabo Verde que apresenta 73% para o uso da variante inovadora.

A penúltima variável de nosso trabalho é referente ao paralelismo linguístico de nível discursivo, na tabela a seguir apresentamos o cruzamento dessa variável com os países:

Tabela 42 – Variável Paralelismo Linguístico X Variável País

	NÓS				A GENTE			
	TIPO I	TIPO II	TIPO III	TIPO IV	TIPO I	TIPO II	TIPO III	TIPO IV
ANGOLA	27 ocor. / 64%	8 ocor. / 80%	12 ocor. / 100%	2 ocor. / 15%	15 ocor. / 36%	2 ocor. / 20%	0 ocor. / 0%	11 ocor./ 85%
CABO VERDE	10 ocor. / 20%	13 ocor. / 68%	12 ocor. / 63%	1 ocor. / 2%	41 ocor. / 80%	6 ocor. / 32%	7 ocor. / 37%	40 ocor./ 98%
GUINÉ-BISSAU	17 ocor. / 30%	9 ocor. / 100%	21 ocor. / 91%	3 ocor. / 14%	40 ocor. / 70%	0 ocor. / 0%	2 ocor. / 9%	18 ocor./ 86%
MOÇAMBIQUE	23 ocor. / 70%	7 ocor. / 100%	5 ocor. / 100%	1 ocor. / 14%	10 ocor. / 30%	0 ocor. / 0%	0 ocor. / 0%	6 ocor./ 86%
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	22 ocor. / 40%	10 ocor. / 83%	11 ocor. / 100%	4 ocor. / 17%	33 ocor. / 60%	2 ocor. / 17%	0 ocor. / 0%	20 ocor./ 83%

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a tabela acima, realizada o cruzamento de dados entre os países e os tipos de paralelismo linguístico, em relação ao *nós*, as maiores frequências de uso do tipo I foram em Angola e Moçambique, com 60% e 70% cada. Em relação ao *a gente*, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, com 80%, 70% e 60% respectivamente.

As maiores frequências de uso do tipo II na variante conservadora foram em todos os países, sendo no mínimo 68% em Cabo Verde e em 100% em Guiné-Bissau e em Moçambique. No tipo III, as maiores frequências de uso também foram em todos os países, sendo o mínimo 63% também em Cabo Verde, e 100% em Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Nos tipos II e III justifica-se por conta do primeiro ser referente à forma precedida de *nós* explícito, e o tipo III ser relacionado ao sujeito desinencial.

No tipo IV, as maiores frequências de uso foram somente em relação ao *a gente*, sendo a porcentagem menor no país São Tomé e Príncipe com 83% dos usos, e a maior porcentagem em Cabo Verde com 98%. Os presentes dados são justificados por se tratar forma precedida de *a gente* explícito, o que influencia no uso somente da forma *a gente*.

E, por último, o cruzamento de dados entre a variável Grau de Referência e os Países.

Tabela 43 – Variável Grau de Referência X Variável País

	NÓS			A GENTE		
	TIPO I	TIPO II	TIPO III	TIPO I	TIPO II	TIPO III
ANGOLA	30 ocor. / 70%	21 ocor. / 64%	1 ocor. / 100%	13 ocor. / 30%	12 ocor. / 36%	0 ocor. / 0%
CABO VERDE	27 ocor. / 44%	11 ocor. / 19%	1 ocor. / 100%	35 ocor. / 56%	47 ocor. / 81%	0 ocor. / 0%
GUINÉ-BISSAU	33 ocor. / 43%	12 ocor. / 41%	0 ocor. / 0%	43 ocor. / 57%	17 ocor. / 59%	0 ocor. / 0%
MOÇAMBIQUE	18 ocor. / 69%	11 ocor. / 61%	7 ocor. / 87%	8 ocor. / 31%	7 ocor. / 39%	1 ocor. / 13%
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	30 ocor. / 45%	12 ocor. / 46%	4 ocor. / 57%	36 ocor. / 55%	14 ocor. / 54%	3 ocor. / 43%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, conforme os dados apresentados acima com o cruzamento de dados entre a variável Grau de Referência e os países, em relação à variante conservadora, as maiores frequências de uso do tipo I foram em Angola e em Moçambique, com 70% e 69% respectivamente. Em relação à variante inovadora, as maiores frequências foram em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, todos na faixa dos 50%, sendo 56%, 57% e 55% respectivamente.

No tipo II, os países que fizeram um maior uso da variante conservadora foram Angola e Moçambique, com 64% e 61% respectivamente. Já no uso da variante inovadora, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, com 81%, 59% e 54% respectivamente.

As frequências de uso no tipo III, se distanciam bastante dos demais. Em relação ao *nós* temos os seguintes países: Angola e Cabo Verde com 100% cada, porém, sendo somente 1 ocorrência em cada um. Temos também Moçambique e São Tomé e Príncipe com 87% e 57% respectivamente. E, por último, citamos o caso de Guiné-Bissau que não apresentou ocorrências para o *nós* nem para a variante *a gente*.

Desse modo, este trabalho conseguiu confirmar a variação existente entre o *nós* e *a gente* como formas alternantes na 1PP, e descrever alguns fatores que condicionam seus usos nos países que fazem parte dos *PALOP*, que são: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Convém mencionar que a análise em relação a se a variação aponta ou não indícios de mudança não foi possível ser feita já que o corpus PROFALA não possui falantes de gerações diferentes, a faixa etária entre os informantes do corpus é bem aproximado entre si, como visto na seção metodológica.

REFERÊNCIAS

ALCKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 21-45 (Parte I).

BANDEIRA, J. B. **Diversidade Linguística na Lusofonia: o Ensino de Português em São Tomé e Príncipe**. 2018. 24 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1998.

BRIGHT, W. **As dimensões da Sociolinguística**. Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 41-47, 1966.

BRUSTOLIN, A. K. B. S. *et al.* **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 2009. 202 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009.

CÁ, I. N.; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 389-421, 2019.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-76 (Parte II).

CARILHO, E.; PEREIRA, S. Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. Porto: Encontro Nacional da APL, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34131/1/Carrilho%20%26%20Pereira%20%282011%29.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Brasília, n. 20, p. 256, 2010.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. **Manual de linguística**. São Paulo: contexto, v. 2, p. 157-176, 2008.

FARACO, C. A. **Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política**. In: LOBO, T. *et al.* (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-50. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC**. 2011. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. discutindo sexo/gênero na sociolinguística. **Mulheres, linguagem e poder–Estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GALVES, Charlotte. **O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro:**(mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. Gragoatá, v. 13, n. 24, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico – 2010 – Características Gerais dos Indígenas – Resultados do Universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf Acesso em: 27 abr. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatísticas da CPLP**. Lisboa, 2013.

LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. **Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford**. S. l.: s. n., 1977.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, p. 405-422, 1998.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. **PERCursos Linguísticos**, v. 2, n. 4, p. 1–18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>. Acesso em: 26 mar. 2022.

MENDES, A. F. **Referencial para o ensino em português língua segunda em Cabo Verde no contexto da oficialização da língua cabo-verdiana**. 2009. 158 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, 2009.

MENEZES, A. H. N. *et al.* **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina: s. n., 2019.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando. **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: SILVA, G. M. O. e; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, 2ª ed. p.185-215.

ORLANDI, E. Processo de descolonização linguística e “lusofonia”. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, n.19, 2007.

PEIXOTO, C. M. M.; CARIOCA, C. R. As Representações linguísticas dos acadêmicos guineenses: uma reflexão sobre o estatuto da língua portuguesa fundamentada no corpus do PROFALA. *In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. Belém: UFPA, 2012. p. 438-450.

PEREIRA, S. M. B. **Gramática comparada de a gente: variação no português europeu**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

PONSO, L. C. O português no contexto multilíngue de Angola. **Confluência**, v. 35, n. 36, p. 147-162, 2008.

PONSO, Leticia Cao. Um foco sobre a situação sociolinguística dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. **Revista Icarahy**, 2014.

ROSA, A. C. B. S. **Ensino bilíngue em Cabo Verde: desafios e práticas educativas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

RUBIO, C. F. A relevância de aspectos formais e funcionais em fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural no português do Brasil e de Portugal. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 38, v. 2, jul./dez. 2019.

_____. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português Brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109234>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SANTOS, H. L. S.; VIANA, R. B. de M.; ARAÚJO, A. A. Panorama do Estudos Sociolinguísticos no Ceará. *In: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S. O falar culto de Fortaleza em foco*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 20-54.

SILVA, Antonio Eugenio Ramos da. **Políticas Linguísticas e o ensino de Libras: A realidade das Políticas Linguísticas para o ensino de Libras nas aulas de língua portuguesa nas escolas estaduais**. 2019. 73f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, Redenção, 2019.

SÓRIA, M. V. P. **Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural**. 2014. Tese (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo Ática, 1985.

VIANNA, J. B. DE S. A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, 15 mar. 2016.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006

ZAU, F. **Angola: trilhos para o desenvolvimento**. S. l.: Universidade Aberta, 2002.